CPAD

SEVERINO PEDRO DA SILVA

...E SAMARIA



O COMPROMISSO DA IGREJA COM A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS

SEVERINO PEDRO DA SILVA



...E SAMARIA

O COMPROMISSO DA IGREJA COM A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS

CPAD

Todos os direitos reservados. Copyright © 2000 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Mardônio Nogueira
Revisão: Alexandre Coelho
Capa, projeto gráfico e editoração: Flamir Ambrosio

CDD: 266 – Missões
ISBN: 85-263-0296-5

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

1ª edição/2000

Sumário

Prefácio 7

1. As quatro regiões a serem evangelizadas 9

2. Pessoas especiais 23

3. Valendo-se de fatores e circunstâncias 35

4. Especializando-se em pequenas coisas 43

5. O Pentecostes e seus efeitos na evangelização 51

6. Enviados por Deus e pela Igreja 59

7. Preparados para a missão 67

8. Levantando os olhos e vendo as terras 77

9. Passando à Macedônia 87

10. Queria ir para um lugar, mas Deus o enviou a outro 91

11. O mundo e suas necessidades 97

12. Línguas e dialetos: um desafio para missões 107

Prefácio

Evangelizar o mundo faz parte do eterno plano de Deus na obra da redenção. Foi este, sem dúvida, o motivo maior do supremo sacrifício de sua parte, quando enviou seu Filho ao mundo. Cristo nasceu, viveu e morreu para salvar os pecadores (Jo 3.16). E mostrou em inúmeras ocasiões o caráter e natureza de sua missão. Ele disse: "Vamos às aldeias vizinhas, para que eu ali também pregue; porque para isso vim" (Mc 1.38).

Logo após sua morte e ressurreição, Ele entrega para seus discípulos a grande comissão de pregar sua palavra a toda a criatura. A evangelização do mundo, portanto, depende de mim e de você – da Igreja, como um todo. Sem seu corpo, jamais Jesus poderia ministrar como ministrou sua palavra entre os homens que viviam em sua geração.

Hoje, Ele continua ministrando através de seu corpo: eu e você – todos nós que formamos sua Igreja. Nossa tarefa é agora. Missão, com efeito, seja ela pátria ou estrangeira, é dever de todos nós. Este era o assunto principal do ministério de Cristo. E deve ser também o nosso nos dias atuais.

José Wellington Bezerra da Costa
Presidente da CGADB

1

As quatros regiões a serem evangelizadas

I. Jerusalém, Judéia, Samaria e os confins da Terra

Atos 1.8: "Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em JERUSALÉM, como em toda a JUDÉIA e SAMARIA, e até aos CONFINS da terra".

Tomaremos, no versículo em foco, apenas a expressão proferida pelo Senhor: "ser-me-eis testemunhas" e a usaremos na complementação imaginária para as quatro divisões naturais que o mesmo apresenta:

1. *"... tanto em Jerusalém"* (At 1.8a)

Evangelizar a cidade de Jerusalém, fazia parte da missão entregue por Cristo a seus discípulos. Na concepção dos judeus e dos cristãos, Jerusalém é a cidade eterna que reina sobre todas as demais do mundo. Seu reino segundo este conceito nada tem de material. Sua grandeza reside em ter sido eleita por Deus, há mais de 30 séculos, para proclamar a santidade de seu nome.

Os discípulos não queriam e nem deviam teimar com Jesus.

Não convinha.

Mas lembraram-se de uma palavra, quase que escondida numa frase de Jesus quando os mandou evangelizar o mundo. Este termo eles

sublinharam em suas mentes. E repetiram: "começando". Então todos juntos, de uma só vez, ensaiaram e pronunciaram por várias vezes:

2. *"... começando..."* (Lc 24.47)

A frase era tão pequena que quase os discípulos não a distinguiram no meio das outras; mas continha um sentido profundo e de infinito alcance. Eles evangelizaram Jerusalém, porque "começaram". Na evangelização da Judéia, o método era o mesmo; talvez mudasse a estratégia de aplicá-lo, devido às circunstâncias que eram diferentes.

Então eles "começaram".

Esta palavra do Mestre era por demais pequena.

Mas ela fazia parte das últimas palavras do Senhor quando já se preparava para ascender ao Céu; e enquanto estava com suas mãos levantadas, mencionou a palavra "começando", ligando-a diretamente com a evangelização de todas as nações do mundo. Sempre tenho afirmado em alguns de meus escritos: "Quando nós começamos, Deus começa também". No Éden não existia "toda a planta do campo que ainda não estava sobre a terra, e toda a erva do campo que ainda não brotava".

Por que estas plantas e ervas do campo ainda não brotavam? Os motivos alegados aqui para que tal coisa não acontecesse eram dois, conforme Gênesis 2. 5:

"Porque ainda o Senhor não tinha feito chover sobre a terra".

"E porque não havia homem para lavrar a terra".

Numa metáfora contextual, com o significado do pensamento empregado, para a obra de evangelização, a terra já está pronta para receber a grande semeadura da Palavra de Deus; a chuva produzida pela presença do Espírito Santo já está regando todos os recantos do mundo. Desde o Pentecoste até o dia do Arrebatamento, ela não cessará. Falta apenas o homem para lavrar esta terra que antes da crucificação de Cristo era estéril, mas depois de sua morte e ressurreição tornou-se fértil para receber de Deus a sua palavra. Aonde o homem surge, começam também a aparecer as plantas [as almas salvas pelo sangue de Jesus]. Agora, guiados pelo Espírito Santo, os discípulos entram no território da Judéia e em breve dias os resultados surgem no livro de

Atos. Vários pontos já se encontram pontilhados de igrejas organizadas, grupos familiares e centros de evangelização. Entretanto, isso só foi possível porque eles "começaram" (At 9.31).

3. *"... e Samaria"* (At 1.8c)

Algumas expressões da Bíblia foram usadas com sentidos especiais e situam determinados conceitos no tempo e no espaço.

Quando nosso Senhor ressuscitou, Ele mandou uma mensagem convidativa aos discípulos e um pequeno recado particular para Pedro. Ele disse assim: "Mas ide, dizei a seus discípulos **e a** Pedro" (Mc 16.7). Parece que ele tinha perdido a condição de discípulo, porque por um ato de fraqueza negara seu Mestre, quando o devia ter confessado. Mas Jesus não se esqueceu dele. Pedro fazia parte do grupo. Mas sem uma mensagem particular de Jesus diretamente para ele; jamais teria voltado a se juntar àqueles antigos companheiros. As Escrituras nos ensinam que "... quem despreza o dia das pequenas coisas", não verá as grandes maravilhas operadas pelo Senhor (Zc 4.10). Muitas vezes são pequenas expressões que mudam por completo as vidas das pessoas com relação ao futuro. Uma só expressão ou mesmo uma palavra pode mudar a vida de uma nação.

A pregação de Jonas foi somente esta frase: "...Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida" (Jn 3.4b). Quando o Senhor Jesus enviou seus discípulos a pregar, Ele mencionou "os samaritanos" separadamente dos outros povos. Ele disse: "... os gentios" e depois acrescenta: "os samaritanos". Nessa linha divisória, Samaria ficava encravada no mapa geral da Judéia. Evangelizando "toda a Judéia" logicamente Samaria seria também alcançada. Mas não foi isso que aconteceu. Aqueles que somente "sobem" jamais alcançarão os que se encontram "descendo". E os samaritanos naqueles dias representam hoje para nós aqueles que se encontram à margem da sociedade; portanto, estão também esquecidos. Para chegar até Samaria, era preciso "descer" das montanhas da Judéia e alcançá-la lá em baixo, no aluvião. Mas Jesus tinha preparado esse solo humano para receber a sua palavra por meio da mulher samaritana (Jo 4). Depois orientou Filipe, o evangelista, para "descer" de Jerusalém à Samaria, a fim de pregar ali sua gloriosa mensagem do poder transformador (At 8.5).

Pedro e João também "desceram" para ministrar o glorioso batismo com o Espírito Santo aos samaritanos. As pessoas de Samaria eram tristes, desanimadas e enganadas pelos encantamentos de Simão, o mago, que tinha anteriormente iludido toda população; mas agora com a presença de Filipe, com a poderosa mensagem de Deus, a cidade inteira pulsava de alegria. Sempre nossa tendência é somente olhar para cima, ou seja, para o lado mais civilizado da vida. Quando pegamos um mapa-múndi e olhamos os continentes, nossa primeira visão é começar pelo primeiro mundo. Nisso não existe algo errado. Jesus mandou pregar sua palavra a "toda criatura" e não especificou pela ordem, nenhuma categoria de mundo. Isto não existe.

Qualquer nação é campo para ser evangelizado. O que nós nos referimos aqui, é que devemos evangelizar a todos. Deus quer que proclamemos as boas novas de salvação "... a todos os homens, e em todo o lugar" (At 17.30). Não apenas às pessoas ou nações que nos oferecem maiores vantagens e deixar de lado aquelas que nenhum benefício nos trará, aparentemente falando.

O cuidado por Samaria

Temos procurado, durante toda nossa argumentação neste livro, despertar a razão e o desejo de cada pessoa comprometida com a obra de evangelização, a fim de que tome consciência da grande responsabilidade que cada um tem, de alcançar os que ainda não foram atingidos por alguns dos métodos de evangelização,apresentados e usados na presente dispensação.Talvez os discípulos, até mesmo levados por uma curiosidade, tivessem chegado perto de Jesus e lhe perguntado: "Senhor, já mandaste evangelizar toda a Judéia. E Samaria fica junto ao mapa deste território. Por que devemos preparar uma espécie de evangelização quase que especial para Samaria?".

Com o passar dos tempos, os discípulos pouco a pouco foram compreendendo essa recomendação de Jesus. Samaria tinha sido uma região, cuja história não trazia edificação espiritual para o povo eleito como quando se mencionava Jerusalém ou Belém, cidade esta em que nascera Davi e posteriormente Jesus Cristo.

Olhando através de cada informação que temos de Samaria e de sua gente, podemos observar o porquê desse cuidado por parte do Mestre. Podemos analisar alguns pontos importantes no tocante a esta região: sua origem, história e a grande necessidade da mesma ser evangelizada.

A estranha cidade de Samaria

A história da fundação de Samaria por Onri, rei de Israel, que pouco a pouco se tornou província, encontra-se relatada em 1 Reis 16.23,24: "No ano trinta e um de Asa, rei de Judá, Onri começou a reinar sobre Israel, e reinou doze anos; e em Tirza reinou seis anos. E de Semer comprou o monte de Samaria por dois talentos de prata; e edificou em o monte, e chamou o nome da cidade que edificou do nome de Semer, senhor do monte de Samaria". A partir do sétimo ano do reinado de Onri até os três anos de seu cerco e destruição, por Salmanasar IV e Sargão, a cidade de Samaria passou a servir de capital ao reino do Norte, que compreendia as 10 tribos dos filhos de Israel.

Os habitantes de Samaria

Depois da queda de Samaria, muitos de seus habitantes foram arrastados ao cativeiro, na Assíria, e foram trazidos para ela uma mistura de nações orientais, que resultou num amálgama de religião e superstição. A maneira como isso aconteceu encontra-se em 2 Reis 17.24-33, que diz:

"E o rei da Assíria trouxe gente de Babel, e de Cuta, e de Ava, e de Hamate e de Sefarvaim, e a fez habitar nas cidades de Samaria, em lugar dos filhos de Israel; e tomaram a Samaria em herança, e habitaram nas suas cidades. E sucedeu que, no princípio da sua habitação ali, não temeram ao Senhor; e mandou o Senhor entre eles leões, que mataram a alguns deles. Pelo que falaram ao rei da Assíria, dizendo: A gente que transportaste, e fizeste habitar nas cidades de Samaria, não sabe o costume do Deus da terra; pelo que mandou leões entre ela, e eis que a matam, porquanto não sabe o culto do Deus da terra. Então o rei da Assíria mandou dizer: Levai ali um dos sacerdotes que transportastes de lá; que ele vá, e habite lá; e lhes ensine o costume do Deus da terra. Veio, pois, um dos sacerdotes que transportaram de Samaria, e habitou

em Betel, e lhes ensinou como deviam temer ao Senhor. Porém, cada nação fez os seus deuses, e os puseram nas casas dos altos que os *samaritanos* fizeram, cada nação nas suas cidades, nas quais habitavam. E os de Babel fizeram Sucote-Benote; e os de Cuta fizeram Nergal; e os de Hamate fizeram Asima; e os aveus fizeram Nibaz e Tartaque; e os sefarvitas queimavam seus filhos no fogo a Adrameleque e a Anameleque, deuses de Sefarvaim. Assim temiam ao Senhor, e dos mais humildes se fizeram sacerdotes dos lugares altos, os quais exerciam o *ministério* nas casas dos lugares altos. Assim, ao Senhor temiam e *também* a seus deuses serviam, segundo o costume das nações dentre as quais tinham sido transportados".

No livro de Esdras 4.9 existem outros nomes de povos que foram trazidos para habitar em Samaria. Depois, o escritor sagrado acrescenta: "E outros povos, que o grande e afamado Osnapar transportou e que fez habitar na cidade de Samaria..." (Ed 4.10).

A partir de 2 Reis 17.29 em diante, todos esses povos começam a ser intitulados de samaritanos, os quais os judeus chamam-nos de "chuteenses". De acordo com o historiador Flávio Josefo, eles "são povos de uma província da Pérsia, que têm esse nome por causa do rio Chute, ao longo do qual habitam". O nome da cidade de Samaria foi, aos poucos, se estendendo à região inteira, e formava parte da província de Arquelau, e, mais tarde, da província romana da Judéia. Mencionam-se, no Novo Testamento, algumas cidades e lugares da Samaria que também eram chamados naqueles dias de Sebaste, como por exemplo: Sicar, monte Gerizim (Jo 4.5,20) e "... muitas aldeias dos samaritanos" (At 8.25).

Um povo inimigo de Israel

Nos dias de Esdras e Neemias, quando os judeus voltaram do cativeiro e começaram a reedificação do Templo e dos muros de Jerusalém, os samaritanos se mostraram contra o progresso daquela obra (Ed 4.1-24;Ne4.1-3; 6.1-19). Segundo Flávio Josefo, historiador hebreu do século I d.C., os samaritanos ou chuteenses não deixaram, por sua vez, de escrever ao rei Dario informando que os judeus fortificavam sua cidade e construíam um templo, que mais se parecia com

uma fortaleza, do que um lugar destinado à adoração a Deus. O resultado sombrio dessa denúncia foi a paralisação da obra por 13 anos. Que injustiça! Quando Jesus pediu água à mulher samaritana junto ao poço de Jacó, ela prontamente negou, lembrando a Cristo que judeus e samaritanos não se comunicavam. Ela falou em termos bem desprezíveis, dizendo: "Como, sendo tu judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana (porque os judeus não se comunicam com os samaritanos)?"(Jo.4.9).

Os motivos dessa inimizade entre judeus e samaritanos se tornaram mais evidentes nos dias de Esdras e Neemias; eles eram vários. Por exemplo, os judeus recusaram reconhecer os habitantes de Samaria como judeus, acusando-os de se haver misturado com os colonizadores assírios. Eles também não aceitaram a colaboração oferecida pelos samaritanos na reconstrução do Templo. Estes, então, possuídos de implacável rancor, separaram-se dos judeus e resolveram, sob o comando de Sambalate, construir um templo no monte Gerizim. Com o passar dos séculos, essa rivalidade tornou-se tão grande, que as pessoas, as quais viajavam da Galiléia para Judéia e vice-versa, tinham, muitas vezes, de fazer uma volta pela Peréia, por razão de segurança. Em questão de religião, os samaritanos aceitavam o Pentateuco, mas diziam que este foi escrito por Arão, irmão de Moisés; Josué e Juízes, mas não a subseqüente revelação ou a doutrina tradicional dos judeus.

Aguardavam o Messias que deveria ensinar-lhes toda a verdade (Jo 4.25). Na prática, cultuavam o verdadeiro Deus como os judeus, mas não se libertavam das antigas idolatrias de seus ancestrais e, em matéria da guarda do sábado, das festas, da circuncisão e do culto, não discordavam dos judeus. Embora rivalizassem com os judeus na estrita observância das determinações mosaicas, não queriam reconhecer o Templo de Jerusalém e seu sacerdócio. O santuário de Gerizim construido por Sambalate era reverenciado por eles como lugar sagrado. Apesar de tudo isso, os samaritanos, depois da vinda de Cristo, acharam graça diante dos olhos de Deus. Nosso Senhor passou várias vezes por Samaria pregando e operando milagres entre o povo.

O Mestre certa feita os defendeu, quando Tiago e João queriam queimá-los vivos (Lc 9.54-56).

E em uma outra oportunidade, tomou como figura um samaritano para ilustrar o amor que cada um de nós deve ter pelos doentes e abandonados (Lc 10.33-42).

E em um outro incidente entre Jesus e os judeus, quando, para ridicularizar o Filho de Deus, disseram que Ele era samaritano e tinha demônio. "Jesus respondeu: Eu não tenho demônio; antes, honro a meu Pai, e vós me desonrais" (Jo 8.49). Pela resposta do Senhor, fica subentendido que Ele não se sentiu ofendido por ser comparado com um samaritano.

Pilatos foi deposto porque usou de severidade com os samaritanos.

Certa feita Jesus mostrou também aos seus discípulos que era "necessário passar por Samaria" (Jo 4.4). No conceito judaico primitivo, não era visto com bons olhos os judeus transitarem dentro do território samaritano.

A província da Samaria situava-se nos dias de Jesus entre a Judéia e a Galiléia; começava na aldeia de nome Ginea e terminava na toparquia de Acrabatana. Ocupando assim a região central da Palestina, estendia-se do mar Mediterrêneo até o vale do Jordão, coincidindo com a terra da meia-tribo de Manassés.

A cidade antiga de Samaria foi destruída por Sargão, em 722 a. C., sendo mais tarde reedificada por Herodes, o Grande, que lhe deu o nome de Sebaste.

Qualquer um que morasse dentro destes limites ou mesmo que não residisse, mas fosse encontrado ali, era considerado samaritano pelos judeus.

Esta segregação por parte dos judeus naqueles dias era também extensiva a outras pessoas. Eles classificavam os homens por raças e categorias. Por exemplo: bárbaros, pecadores, publicanos, meretrizes, gregos, romanos, saduceus, fariseus, herodianos, citas, escravos, livres, circuncisos, incircuncisos, e por último, como sinal de repúdio, os samaritanos.

Samaria, uma cidade diferente

A cidade de Samaria, incluindo também toda região onde a mesma se encontrava situada, era uma província envolvida em várias complicações.

Ela fora cenário de vários acontecimentos que marcaram tanto a vida da cidade como a de seus moradores. Certos acontecimentos e provações tornavam Samaria uma cidade diferente. Ali havia alguns

predicados indesejáveis pelo povo de Israel. Eis algumas razões:

Uma cidade onde estava o trono de Baal. "E levantou um altar a Baal, na casa de Baal, que edificara em Samaria" (1 Rs 16.32).

Uma cidade sitiada pelo inimigo. "E sucedeu, depois disto, que Ben-Hadade, rei da Síria, ajuntou todo o seu exército; e subiu, e cercou a Samaria" (2 Rs 6.24).

Uma cidade faminta. "E houve grande fome em Samaria, porque eis que a cercaram, até que se vendeu uma cabeça dum jumento por oitenta peças de prata, e a quarta parte de *um* cabo de esterco de pombas por cinco *peças* de prata" (2 Rs 6.25);

Uma cidade oprimida. "... Ajuntai-vos sobre os montes de Samaria e vede os grandes alvoroços no meio dela e os oprimidos dentro dela" (Am 3.9b).

Uma cidade devassa. Dominada pelo desamor. "Tu és a filha de tua mãe, que tinha nojo de seu marido e de seus filhos; e tu és a irmã de tuas irmãs, que tinham nojo de seus maridos e de seus filhos; vossa mãe foi hetéia, e vosso pai amorreu. E tua irmã maior é Samaria, ela e suas filhas, a qual habita à tua esquerda..." (Ez 16.45,46).

Uma cidade enganada pela magia. "E estava ali um certo homem chamado Simão, que anteriormente exercera naquela cidade a arte mágica, e tinha iludido a gente de Samaria, dizendo que era uma grande *personagem;* ao qual todos atendiam, desde o mais pequeno até ao maior, dizendo: Este é a grande virtude de Deus" (At 8.9,10).

Numa grande colheita alguns bagos caídos

É óbvio que numa grande colheita alguns bagos ficarão caídos das mãos dos segadores. Nas Escrituras, por exemplo, isso poderia acontecer de dois modos: no primeiro caso, era uma ordem do próprio Deus para beneficiar "... ao pobre e ao estrangeiro" que peregrinavam no meio do povo escolhido pelo Senhor. Assim está escrito: "Quando também segardes a sega da vossa terra, o canto do teu campo não segarás totalmente, nem as espigas caídas colherás da tua sega. Semelhantemente não rabiscarás a tua vinha, nem colherás os bagos caídos da tua vinha; deixá-los-ás ao pobre e ao estrangeiro: Eu sou o SENHOR, vosso Deus" (Lv 19.9,10).

No segundo caso, essas espigas caídas eram "deixadas de propósito" com a finalidade de que as mesmas beneficiassem alguém. Rute, a moabita, nora de Noemi, especializou-se nesse tipo de colheita. Primeiro, houve de sua parte boa vontade para esse serviço árduo e pouco rendoso. Ela disse ao administrador do campo de Boaz: "... Deixa-me colher *espigas* e ajuntá-las entre as gavelas após os segadores..." (Rt 2.7).

Boaz era um homem bom. Ele deu ordem aos segadores, dizendo: "... Até entre as gavelas deixai-a colher, e não lhe embaraceis. E deixai cair alguns punhados, e deixai-os ficar, para que *os* colha, e não a repreendais" (Rt 2.15,16).

Observemos o que poderia ser considerado como "resto" numa grande colheita: "os bagos", "alguns punhados", "espigas caídas". Rute, a moabita,especializou-se nesse tipo de colheita. Estas "espigas", estes "bagos" e estes "punhados" representam aqueles povos que ficaram "esquecidos" ou "negligenciados" por alguns dos sistemas de evangelização, desenvolvidos pela Igreja em qualquer tempo ou localidade.Torna-se necessário, portanto, que estas pessoas sejam alcançadas pelo "... evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê..." (Rm 1.16).

Encontramos informações bíblicas de "um remanescente" preservado por Deus para testemunho dEle e de sua Palavra. Do outro lado, existe também uma "espécie" de pessoas, as quais foram classificadas pelos próprios escritores sagrados como sendo "um resto" deixado como escória pelos selecionadores das espécies (Jr 23.3). No Antigo Testamento, várias nações foram rejeitadas pelos judeus e até mesmo pelo próprio Deus como sendo "este resto".

Em o Novo Testamento, os gentios, em sentido geral, faziam parte deste contexto. Jesus, quando enviou os seus doze discípulos, disse: "... Não ireis pelo caminho das gentes [gentios], nem entrareis em cidade de samaritanos; mas ide, antes, às ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mt 10.5,6). Mas adiante, o Mestre falou também de sua missão, dizendo: "... Eu não fui enviado senão as ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mt 15.24). Isto significa que os gentios tinham ficado "esquecidos" no plano da salvação. E, como não bastasse, a recomendação de Cristo obstruía o caminho da evangelização de Samaria. Ele

advertiu: "... nem entrareis em cidade de samaritanos". Foi esse o motivo do cuidado de Jesus após sua ressurreição, e no monte, quando se despedia de seus discípulos: [parafraseando]: "Pregai em Jerusalém. Pregai em toda a Judéia. Pregai até aos confins da terra". Mas não esqueçam *Samaria*!

Quem são os samaritanos hoje?

Nos dias atuais, os samaritanos propriamente ditos são poucos e, dado ao processo de certas enfermidades contraídas no decorrer dos séculos, encontram-se quase em processo de extinção.

Havia cerca de um milhão no tempo de Jesus. Atualmente, de acordo com dados recentes colhidos em Israel pelo autor deste livro, a comunidade samaritana consta apenas de 600 ou 700 pessoas (cerca de 300 vivem ao sul de Nablus [Sychar], no cume do monte Gerizim e 160 em Holon) e o restante em pontos diversificados da Terra Santa. Durante mais de 2.500 anos os samaritanos mantiveram a pureza de seu sangue, não se misturando com outras raças. Isso ocasionou problemas de enfermidades hereditárias mentais devido à endogamia. A maior parte dessa comunidade é pobre. Cada ano, na época da Páscoa dos judeus, sacrificam cordeiros no cume de seu monte santo, o Gerizim.

Nos dias de Jesus aqui na Terra, Samaria, apesar de ser considerada uma região que se encravava entre a Galiléia e a Judéia, contudo, no geral, sua província fazia parte do território da Judéia. Para os judeus os samaritanos representavam um povo segregado tanto no sentido religioso como social. Eles "não se comunicavam"; portanto, eram inimigos. Cristo mostrou que essa separação não fazia parte do plano divino no tocante à salvação. Seu sangue fora derramado com o objetivo de salvar a todos. A condição imposta nesse sentido é apenas crer. Quando a pessoa crê, o muro da "separação" é desfeito e a pessoa adquire uma nova nacionalidade. No sentido espiritual, é claro. Paulo fala do "antes" e do "depois" da posição do homem que estava distanciado de Deus, sem direito à participação no plano da redenção.

Ele diz: "Portanto, lembrai-vos de que vós, noutro tempo, éreis gentios na carne e chamados incircuncisão pelos que, na carne, se chamam circuncisão feita pela mão dos homens. Que, *naquele* tempo, estáveis sem Cristo, *separados da comunidade de Israel* e estranhos aos con-

certos da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo. Mas, *agora*, em Cristo Jesus, vós, que antes estaveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto. Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos os *povos* fez um..." (Ef 2.11-14).

No pensamento geral das Escrituras com relação aos judeus e outros povos, a separação era mais aguerrida do lado religioso do que do lado político. Para aqueles extremamente zelosos, todo samaritano tinha demônio e toda mulher samaritana era prostituta. Jesus mostrou que, no plano da salvação, qualquer um desses preconceitos deve ser deixado de lado, visto que o que está em foco não é o valor político ou social; e, sim, a alma humana que precisa de Deus e de sua ajuda.

Em nossos dias, os samaritanos representam aquelas pessoas que não fazem parte de nosso contexto social e religioso. Algumas dessas pessoas vivem em áreas completamente segregadas, tais como: presídios, prostíbulos, cassinos, no submundo das drogas, dos furtos, dos roubos, nas ruas, nas selvas; algumas delas até estão ligadas ao mundo do terror, espalhando medo e perigo para as sociedades em geral. Do ponto de vista social, essas classes acima mencionadas tornam-se indesejáveis. Mas essas pessoas moram dentro de nosso mapa. Embora não façam parte de nossa sociedade ou religião. Quando olhamos para estas criaturas e as confrontamos com nossos padrões sociais ou religiosos, elas merecem somente castigo e repúdio. Mas do ponto de vista divino de observação, elas precisam de Cristo, pois somente assim suas vidas e destinos serão mudados.

Agora vem a pergunta: Como alcançá-las? No capítulo dois deste livro, mostramos como Deus tem e usa pessoas especiais para cada área de seu trabalho. E para atuar nas áreas esquecidas por determinados seguimentos religiosos e da sociedade, Deus tem preparado e levantado pessoas capazes para alcançar tais criaturas.

4. *"... até aos confins da terra"* (At 1.8d)

Depois de passar por Jerusalém, Judéia e Samaria, a continuação da missão evangelizadora, era seguir uma outra trajetória: alcançar "os confins da terra".

Para os judeus, esta expressão usada por Jesus em Mateus 12.42 e aqui agora, significava "grande distância". Ela era tomada para indicar

qualquer país que ficava fora das fronteiras de Israel. A terra de Sabá foi considerada como sendo situada nos "confins da terra" (Lc 11.31). Mas quando o Mestre disse: "confins da terra", a expressão já trazia em si mesma o sentido de além-mar, ou seja, qualquer extremidade da Terra no universo habitado. Com este sentido a palavra encontra-se nas Escrituras nas seguintes passagens: *Gênesis* 41.21; *Números* 20.23; 22.36; 34.3; *1 Crônicas* 7.29; Jó 28. 3; *Salmos* 19.4,6; 22.27; 46.9; 48.10; 59.13; 65.5,8. 67.7; 72.8; 98 3; *Isaías* 11.12; 15.8; 26.15; 45.22; 49.6; 52.10; 62.11; *Jeremias* 6.22; 25.31; 50.41; *Ezequiel* 11.10; 29.10; 38.6,15; 39.2; *Joel* 3.6; *Obadias* v. 7; *Miquéias* 5. 6; *Mateus* 4.13; 12.42; 15.39; 19.1; *Lucas* 11.31; *Atos* 1.8; 13.47; *Romanos* 10.18.

Quando passamos a observar um mapa missionário dos dias apostólicos e seguimos cuidadosamente a trajetória da Igreja, passo a passo na evangelização, descobrimos que essa ordem de Cristo foi posta em prática imediatamente.

II. Alcançando fronteiras do além-mar

De 33 a 96 d.C., época em que o último livro da Bíblia, o Apocalipse, estava sendo escrito por João, o Evangelho de Cristo já tinha alcançado muitas fronteiras do além-mar em direção a qualquer extremidade da Terra, em todas as direções do universo habitado. Paulo chegou até mesmo a declarar que o Evangelho de Cristo tinha sido "... pregado a toda a criatura que há debaixo do céu" (Cl 1.23). Provavelmente esta expressão sofreu uma pequena emenda de tradução; ao invés de dizer que o Evangelho "...*foi* pregado", dir-se-ia então: "está *sendo* pregado a toda a criatura que há debaixo do céu", porque isso ajudaria a entender melhor a continuação do versículo quando ele afirma: "do qual eu, Paulo, estou feito ministro". Chegando aos "confins da terra", o Evangelho de Cristo avança para sua parte final. Jesus disse: "E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim" (Mt 24.14).

Muitos eruditos opinam que nestas palavras do Senhor não está em foco o "evangelho da graça", e, sim, o "evangelho do reino", iniciado por João Batista e Jesus e suspenso pela rejeição do Reino e do Rei, e que a partir daí reiniciaria sua proclamação e continuará pelos prega-

2

Pessoas especiais

I. David Livingstone: um exemplo de vida

Tanto a História Secular como a Sagrada mostram como Deus tem levantado para suprir determinadas necessidades pessoas especiais. Geralmente elas apresentam características diferentes, mas que não se trata de super-homens ou mulheres dotadas além da imaginação. No fundo, são pessoas iguais a nós e sujeitas às nossas mesmas paixões (cf. Tg 5.17). Mas em seus corações firmaram um propósito para com a obra de Deus, usando a fé, a coragem e a determinação. No decorrer deste capítulo, veremos, à luz do contexto, algumas dessas pessoas que se tornaram especiais para Deus e para sua obra.

Deixando o conforto e entrando na selva. Um dos exemplos mais tocantes na imaginação humana como prova do grande amor de Deus, em obediência à chamada divina para missões, é sem dúvida o do Dr. David Livingstone, um médico que deixou tudo para se embrenhar nas selvas africanas, com o objetivo de levar as "boas novas" de salvação àquela gente esquecida e desamparada. David Livingstone nasceu na Escócia, e foi criado por seus pais, Neil Livingstone e Agnes Hunter, no santo temor do Senhor.

Aos 20 anos, houve uma grande mudança espiritual em sua vida. David, desde criança, ouvia falar de um missionário valoroso que trabalhava na China, cujo nome era Gutzlaff. Nas suas orações que fazia antes de dormir, ao lado de sua mãe, Livingstone orava sempre por ele. Enquanto estudava medicina, sentia-se apaixonado em fazer uma obra

missionária na China. Mas um dia, numa reunião, ele ouvira uma palestra dum missionário da África Equatorial chamado Roberto Moffat. Terminado aquele encontro, Livingstone pediu mais informações a respeito. Moffat disse para aquele jovem: "Há uma vasta planície ao norte, onde tenho visto, nas manhãs ensolaradas, a fumaça de milhares de aldeias, onde nenhum missionário ainda chegou... pessoas estão morrendo ali como gado num milhar de morros, morrendo sem jamais ter ouvido o nome do maravilhoso Mestre".

Ao ouvir estas palavras do velho pioneiro, Livingstone tomou uma resolução corajosa: "Irei imediatamente para África". Partindo de Glasgow em direção a África, o navio em que ele viajava fez uma pequena parada no Rio de Janeiro, onde certamente este ilustre servo de Deus orou por todos nós. Partindo do Rio, por fim, chegou à cidade do Cabo, na África do Sul. Esta viagem de Livingstone durou três meses. Da cidade do Cabo, a viagem de 190 léguas [1.140 kms] foi feita num carro de boi, durante dois meses, até Curumã, onde residia seu futuro sogro, Roberto Moffat. Ali, conheceu Maria, a filha mais velha desse missionário.

Depois de abrir a missão em Mabotsa, os dois se casaram. Durante o tempo em que viveu, Maria foi uma ardorosa companheira ao lado de Livingstone, desbravando o continente africano, combatendo a escravidão e levando a civilização para aquela gente. Vítima de febre amarela, Maria veio a falecer e foi enterrada na margem do rio Zambezi. No seu Diário, David Livingstone fez esta lamentação e a escreveu como uma espécie de canção fúnebre ou antologia nacional, inserindo-a no livro do Reto:

["Chorei-a porque merece as minhas lágrimas! Amei-a e nos casamos, e quanto mais tempo vivíamos juntos, tanto mais a amava. Que Deus tenha piedade dos filhos"].

Dr. David Livingstone foi missionário na África por 30 anos. Durante este período ele se tornou um dos mais famosos desbravadores da África. Agora, viúvo e enfermo, ele partira em uma expedição até o coração do continente. Ninguém no mundo exterior tinha ouvido falar a respeito dele novamente. Muitos pensavam que estivesse morto. Mas em resposta a uma oração feita anteriormente pelo próprio Livingstone,

quando se encontrava bastante enfermo, com o corpo enfraquecido, e destituído de roupas e alimentos, ele rogou a Deus que lhe mandasse em sua ajuda "um bom samaritano".

Esta oração moveu o coração do Sr. Gordon Bennett, do New York Herald, o qual cria que o Dr. David Livingstone estava vivo.

"Sim! É claro que ele está vivo", ressaltou em seu coração o Sr. Gordon Bennett.

Então enviou o repórter do jornal, Henry Borton Stanley, à procura do Dr. David Livingstone.

O Sr. Stanley procurou pelo Dr. David Livingstone durante sete meses e meio na agressiva selva da África antes que pudesse encontrá-lo. Ele andou de barco e a pé, contraiu várias doenças e suportou dificuldades de toda espécie. Mas não desistiu. Ele cria que o Dr. David Livingstone estava em algum lugar da África, e persistiu procurando até que o encontrou em UJJI, perto do Lago Tanganica. Stanley passou todo o inverno com o Dr. David Livingstone. E insistiu com ele durante este tempo para que voltasse à Inglaterra. Mas a força da chamada divina em sua vida era mais forte do que a própria morte! A sua última viagem foi feita para explorar o Luapula, a fim de verificar se esse rio era a nascente do Nilo ou do Gongo.

Durante esta caminhada, sua enfermidade se agravou tanto que foi carregado, pela primeira vez, pelos amigos que lhe acompanhavam: Susi, Chumam e Jacó Wainwright, todos nativos. Quando chegaram à aldeia de Chibambo, em Ilala, Susi fez uma cabana para Livingstone. Estava ainda escuro na quinta-feira, 01 de maio de 1873. Pouco antes de amanhecer o dia, o moço que atendia à noite correu para chamar Susi e Chumam, os serviçais do Dr. David Livingstone. Olhando para dentro da cabana, iluminada pela luz vacilante de um lampião, eles viram o Dr. David Livingstone ajoelhado ao lado de sua cama, a cabeça inclinada e enterrada nas mãos diante de uma Bíblia aberta. A princípio eles hesitaram em se aproximar. Então um deles chegou mansamente até o enfermo e tocou-lhe a face. Estava fria. Dr. David Livingstone tinha morrido!

Orou enquanto viveu e partiu deste mundo orando! Seguindo assim o belo exemplo do divino Mestre, Jesus. Ele nasceu orando, viveu oran-

do e morreu orando (Lc 23.46; Hb 5.7; 10.5). Os fiéis companheiros do Dr. David Livingstone, Susi e Chuman, enterraram seu coração debaixo de um carvalho em Chitambo; depois secaram e embalsamaram o seu corpo, e conduziram em suas próprias costas numa caminhada de 2.600 km – viagem que durou alguns meses, pelo território de várias tribos hostis.

O corpo do Dr. David Livingstone, depois de chegar em Zanziba, foi trasladado para a Inglaterra, onde foi sepultado na Abadia de Westminster, entre os monumentos dos reis e heróis daquela poderosa nação. Por que David Livingstone renunciou as perspectivas de riquezas e fama em Londres e foi morrer nos pântanos da África equatorial? O que o compeliu a deixar o lar e os amigos por uma vida solitária de pesquisador e missionário? São perguntas cujas respostas ultrapassam qualquer possibilidade de entendimento da mente humana. Elas estão além da nossa imaginação! Mas certamente foi o amor de Cristo e o conhecimento de que milhões estavam morrendo sem salvação!

Livingstone resolveu entrar em áreas inexploradas da África com a mensagem do amor de Cristo. Foi este amor que o levou cada vez mais para o interior da selva densa, com a medicina e a mensagem de esperança. Nos lugares por onde passou e armou seu acampamento [Mabotsa, Chonuane, Colobeng, Calari, Zouga, Nagami, Zambezi, Zanzibar, Tanganyka, Moero, Bangueolo, Maniuema, Ujiji, Luapula, Chitambo, Ilala, e outras localidades que visitou ao longo de 30 anos], era como se Cristo ali também chegasse. Este mesmo amor o colocou de joelhos em súplica pela conversão de homens e mulheres cuja mente estava entenebrecida pelo pecado e o culto aos demônios. O amor de Jesus é a força mais poderosa do mundo. É um poder compelidor que leva pessoas a serem especiais e saírem a fim de partilhar com outros esse mesmo amor. É um poder sustentador que mantém a pessoa no caminho do dever e do direito.

Anos depois de sua morte, passou por aquelas mesmas trilhas uma missão falando do amor de Cristo e de sua compaixão com relação aos que sofrem, aos filhos daqueles nativos que foram contemporâneos do Dr. David Livingstone. Eles responderam para aqueles cristãos que lhes contavam a história de Jesus e a grande compaixão por

Ele demonstrada, dizendo: "Este homem de quem vocês estão falando, já esteve com nossos pais aqui na selva, a alguns anos passados; mas depois ele morreu". A similitude de Livingstone com Jesus era tão parecida, que os nativos pensavam que Jesus e Livingstone tratava-se da mesma pessoa.[1]

II. O amor de Cristo pelos perdidos o fez morrer leproso

José Damião, também conhecido como Daniel da Bélgica, o amigo dos leprosos, foi uma dessas pessoas especiais neste mundo de tanto indiferentismo. Ele nasceu na Bélgica no dia 3 de janeiro de 1840. Seus pais ficaram orgulhosos no bom sentido do termo quando José Damião contou-lhe que tinha decidido tornar-se um missionário além mar. Mas mal sabiam eles que Deus tinha escolhido seu filho para um trabalho especial que somente pode ser realizado por uma dessas pessoas especiais.

Quando José Damião se formou e acabara de receber o preparo ministerial, que as normas da missão exigia, Deus lhe orientou que seu campo missionário seria Molocai, uma das ilhas do Havaí, Estado ultramar da América do Norte. Molocai soa como um perfeito lugar para um dia de férias ou para um descanso após uma árdua jornada de trabalho suspenso no final de semana. Essa ilha é bastante agradável para quem deseja um lugar isolado, distante das grandes agitações urbanas que as cidades modernas oferecem. Clima agradável, palmeiras frondosas, praias largas, arenosas, sólidas montanhas, fantástico cenário. Ela é também conhecida como "Ilha Amiga", em virtude da cortesia mostrada por seu povo para com os visitantes. Entretanto, poucos são os turistas que visitam este paraíso tropical.

Sua história é similar à do general Naamã, comandante supremo das forças armadas da Síria. Sua biografia é descrita na Bíblia assim: "E Naamã, chefe do exercito do rei da Síria, era um grande homem diante do seu senhor, e de muito respeito; porque por ele o SENHOR dera livramento aos siros; e era este varão homem valoroso [escute agora], *porém* leproso" (2 Rs 5.1). A similitude de Molocai com Naamã nesta história é que ela constitui uma colônia de leprosos tornada famosa pelo sacrifício de José Damião.

Não muito tempo depois de sua ordenação, José Damião ouviu falar dos diversos leprosos que havia na ilha de Molocai: "São famintos, maltrapilhos e abandonados. Toda amizade que possuem é aquela que sua miséria inventa para si próprios". Após uma calorosa reunião de oração na igreja a que ele pertencia, houve um apelo: "Temos de enviar alguém que lhes leve a esperança em Cristo". Após aquele pedido, partindo de corações que estavam interessados na evangelização do mundo, José se apresentou voluntariamente para esta tão importante tarefa. Deixando seus familiares, sua igreja e o conforto que seu lar lhe proporcionava, ele partiu dizendo adeus. Quando chegou à ilha de Molocai e viu o horror daqueles rostos desfigurados e membros deformados, levantando braços e mãos em sua direção clamando por misericórdia, recuou. Preferiu viver separado numa pequena cabana, preparando sua própria comida, e lavando suas próprias roupas.

Nenhum leproso tinha acesso à sua cabana. E ele foi para a capela e pregou seu sermão cheio de retórica e erudição; mas sua pregação não surtiu efeito algum. Desapontado, José procurou a divina orientação de Deus a qual veio de imediato. O Senhor falara ao seu coração e um dia ele chegou à conclusão de que só falar não bastava. O amor de Cristo tinha de ser demonstrado, indo para a "segunda milha" que é a "caridade" (2 Pe 1.7). José entendeu que o amor por si mesmo, sem a ação, é como a "fé sem as obras". É morta. E o amor sem ação torna-se ineficiente. Então perguntou a si mesmo: "Como posso ajudá-los?" E em seguida respondeu a si mesmo: "Se procuro evitá-los?".

Lembrou das solenes palavras do apóstolo Paulo quando disse: "Porque, sendo livre para com todos, fiz-me servo de todos, para ganhar ainda mais. E fiz-me como judeu para os judeus, para ganhar os judeus; para os que estão debaixo da lei, como se estivera debaixo da lei, para ganhar os que estão debaixo da lei. Para os que estão sem lei, como se estivera sem lei (não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo), para ganhar os que estão sem lei. Fiz-me como fraco para os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para, por *todos os meios,* chegar a salvar alguns" (1 Co 9.19-22).

José então tomou a seguinte resolução: "Paulo se fez de tudo para todos". E concluiu em seu coração: "Eu só poderei ajudar estes lepro-

sos se me tornar como um deles!". Assim, indo para o meio dos leprosos, ele os ajudou a construir melhores residências. Lavou-lhes as feridas e cobriu-as. Ajudou-os a abrir poços de água. Garantiu-lhes roupas e alimentos. E um dia, quando estava se aquecendo debaixo dum braseiro que fizera por causa do frio, teve uma surpresa: Caiu-lhe uma brasa em cima de sua perna desnuda e ele não a sentiu. Então José exclamou: "Meu Deus, eu também me tornei um deles!".[2]

José percebeu que também se tornara leproso. Todavia, antes de sua morte teve a alegria de ver a ilha toda convertida a Cristo. Nele existiu o "... mesmo sentimento que *houve* também em Cristo Jesus, que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz" (Fp 2.5-8).

Talvez hoje não seja preciso você ir à Molocai ou a uma outra ilha semelhante; mas em sua comunidade há pessoas atingidas pela lepra do pecado que estão tão solitárias e infelizes como os leprosos de Molocai. Estes são os esquecidos que ainda não foram alcançados pela poderosa mensagem de esperança que traz o Evangelho da graça de Deus. Eles estão à espera de alguém com sentimentos nobres que lhes dê uma demonstração de sua fé e amor, tal como fez José Damião.

III. Uma missão judaica com sentimentos cristãos

Nascido no final do século XVIII, Judah Alkalai era um obscuro pregador da pequena comunidade sefaradita, Semlin, perto de Belgrado. Em 1839, no entanto, estarreceu seus fiéis ao publicar um manual ladino-hebraico, Darkkei Noam [Caminhos Agradáveis], em cuja introdução aludia à necessidade de estabelecer colônios judaicos na Terra Santa, como prelúdio necessário à Redenção. Em suas obras posteriores, das quais a mais conhecida era Sb'ma Israel [Ouve, ó Israel], Alkalai observava que a dedicação a essa conquista espiritual e física culminante era justificada pelos próprios "textos comprobatórios" da tradição.

Alkalai baseou suas predições pelas indicações que a luta dos judeus devotos, em toda parte, prefiguraria a vinda do Messias. Além do mais, em 1840, os esforços de influentes líderes judaicos ocidentais

conseguiram a libertação de vários desafortunados judeus presos em Damasco sob acusações infundadas de assassinatos [o chamado "libero de sangue", N.E.].

Alkalai detectou nesse "milagre" da vigorosa ação secular um precedente para futuros estádios da redenção – na Palestina. No opúsculo [pequeno livro] Minchat Iebudab [A Oferenda de Judá], publicado em 1843, ele declara: "Está escrito na Bíblia: "Retornai, ó Senhor, para as dezenas de milhares de famílias de Israel ". Mas Alkalai perguntou a si mesmo: "Sobre o que repousaria a Presença Divina? Sobre paus e pedras? Portanto, como estádio inicial da redenção de nossas almas devemos fazer com que pelo menos 22.000 judeus retornem à Terra Santa. Esta é a precondição necessária para uma descida da Presença Divina entre nós; depois disso, Ele concederá a nós e a todo Israel outros sinais de seu favor".

Durante seus 35 anos restantes, Alkalai continuou a publicar amplamente suas idéias e, por fim, ele próprio se estabeleceu na Palestina, como exemplo para os outros. Antes de morrer em 1878, o ativo rabino conseguiu organizar um pequeno grupo de seguidores. Um de seus discípulos, curiosamente, foi Simon Loeb Herzl, avó de Theodor Herzl, escritor e jornalista de reputação internacional, que se preocupou com a questão judaica e deflagou no mundo o movimento sionista e a necessidade da criação "do Estado Judeu".

Alkalai foi, sem dúvidas, o ponto de partida para tal sucesso na vida de Israel. O atual Estado Judeu tem sua origem no sionismo (de Sion, colina da antiga Jerusalém). Seu ideólogo, Theodor Herzl, organizou em Basiléia, Suíça, o primeiro congresso sionista, que aprovou a formação de um Estado judeu na Palestina. Se as pequenas idéias de Alkalai tivessem sido desprezadas, hoje a história dessa nação podia ser outra.

IV. Conseguiu com muito esforço mas deu tudo de graça

Andrew Carnegie foi uma das pessoas especiais que ajudou a Obra Missionária aqui na Terra. Chegou aos Estados Unidos como um pobre rapaz. Mas quando se aposentou em 1901, possuía uma fortuna de 400 milhões de dólares; valor este que ainda hoje significa muito dinheiro. Quase um século atrás, valia muito mais. Depois de aposen-

tado, ele ainda viveu aproximadamente duas décadas, quando veio a falecer em 11 de agosto de 1919. Ele passou os 19 anos seguintes distribuindo estes 400 milhões de dólares, pois acreditava que fariam mais benefício à humanidade sendo distribuídos do que se os entesourassem para si mesmo, levando a sério as sábias recomendações do apóstolo Paulo a Timóteo quando disse:

"Manda aos ricos deste mundo que não sejam altivos, nem ponham a esperança na incerteza das riquezas, mas em Deus, que abundantemente nos dá todas as *coisas* para delas gozarmos; que façam bem, enriqueçam em boas obras, repartam de boa mente, e sejam comunicáveis; que entesourem para si mesmos um bom fundamento para o futuro, para que possam alcançar a vida eterna" (1 Tm 6.17-19).

Façamos uma avaliação do que sejam 400 milhões de dólares. Basta dizer que você pode gastar um dólar a cada minuto de sua vida e em média seria possível consumir 60 dólares numa hora ou 1.440 por dia. Se o leitor pudesse gastar essa mesma soma diariamente, você levaria quase dois anos para consumir o seu primeiro milhão de dólares, e seria necessário o número fantástico de 760 anos para gastar todo o dinheiro que Andrew Carnegie possuía.

O Sr. Andrew Carnegie entendia que, desde que tinham sido satisfeitas as necessidades de sua família, a outra parte do dinheiro podia ser usada para beneficiar a humanidade. Ele deu uma parte a escolas e universidades. Construiu 2.509 bibliotecas públicas. Criou um fundo especial para ajudar heróis que fizessem alguma coisa com risco da vida para salvar a outros. Doou uma parte a seus antigos empregados e também a diversas igrejas que possuíam sentimentos missionários. Antes de morrer, havia gastado 308 milhões, deixando apenas 92 milhões para sua família que o apoiou em seu sentimento nobre. Não queremos dizer que todas as pessoas ricas sigam este mesmo exemplo. Mas o Sr. Carnegie foi sem dúvida uma pessoa que Deus levantara para fazer tal ação para sua obra e a humanidade inteira.[3]

Estas pessoas são raras, mas ainda não estão em processo de extinção. Dr. David Livingstone, citado largamente neste capítulo, expressou-se certa vez dizendo: "Ó Jesus, rogo que me enchas agora com o teu amor e me aceites e me uses um pouco para tua glória. Até agora nada fiz

para ti, mas quero fazer algo... Não valeria coisa alguma o que possuo ou que possuirei, a não ser em relação ao reino de Cristo. Se alguma coisa que tenho pode servir para o seu reino, concederei a Ele, a quem devo tudo neste mundo e durante a eternidade".

V. Um exemplo de fidelidade: ele foi grato a Deus

William Colgate foi sem dúvida um outro personagem escolhido por Deus e colocado na lista de pessoas especiais que trabalham para o engrandecimento de sua obra aqui na Terra.

William, quando tinha apenas 16 anos de idade, deixou a sua casa paterna para procurar trabalho.

Seus pertences eram poucos. Quase nada. Embrulhou tudo e fez um pequeno pacote que transportou numa sacola.

Durante a longa caminhada, encontrou um antigo vizinho. Era o capitão dum batelão que transitava num canal.

O velho capitão iniciou uma conversa que mudou por completo a vida daquele jovem.

William não abriu a boca. Mas o capitão tomou a iniciativa de falar:

- William, para onde vais?

– Não sei. Respondeu o jovem. E acrescentou: Meu pai é pobre demais para me manter em casa por mais tempo. E continuou: Aconselhou-me a tentar nova vida.

– Não há nisso qualquer problema, disse o capitão. Procura começar bem e tudo correrá lindamente.

William declarou ao amigo que apenas sabia alguma coisa do fabrico de sabão e de velas. E afirmou:

- Algum tempo atrás ajudei meu pai enquanto permanecia em casa.

– Então, concluiu o ancião, vou orar contigo e dar-te um conselho. Depois poderás seguir.

Ambos se ajoelharam no tombadilho ao lado da corda de reboque; o simpático capitão orou por William e em seguida aconselhou:

– Olha, alguém em breve estará a liderar o fabrico de sabão em Nova Iorque. Esse alguém tanto pode ser você como outro qualquer. Espero que assim seja. Mas você será escolhido por Deus como pessoa especial. Sê um homem bom. Entrega teu coração inteiro a Jesus; dá ao

Senhor o que lhe pertence, em cada dólar que ganhares; fabrica sabão com honestidade com o peso certo, e eu estou convicto de que chegarás a ser um homem próspero e rico.

Quando o jovem chegou a Nova Iorque, cidade grande, teve dificuldade em conseguir trabalho. Só, e longe do lar paterno, recordou as palavras de sua mãe e as últimas recomendações do capitão do batelão. Então "... procurou primeiro o reino de Deus e a sua justiça", freqüentando uma igreja que não ficava tão distante do local onde residia. Recordou a promessa que fizera ao ancião, e o primeiro dólar que ganhou fê-lo lembrar-se de que uma parte era de Deus. Lendo a sua Bíblia, descobriu nela que os judeus honravam ao Senhor com as suas fazendas e com todas as primícias de suas rendas (Pv 3.9) e decidiu: "Se lhe pertence um décimo, eu lho darei". E assim procedeu com cada dólar que recebia. Com o emprego regular, em breve tornou-se sócio de um senhor que se tornara seu amigo.

Passados anos, este sócio morreu e William Colgate ficou como o único dono do negócio. Então resolveu pôr em prática a promessa que fizera ao capitão: fabricou sabão com honestidade e peso devido; ordenou ao seu guarda-livros que abrisse uma conta em nome do Senhor, transferindo para ela 10% de todos os seus rendimentos. Ele prosperou. O negócio cresceu; a sua família foi abençoada; o sabão teve saída e ele enriqueceu mais depressa do que tinha pensado. Então começou a dar 20% ao Senhor e prosperou ainda mais; deu 30%, 40%, 50%. Educou seus filhos, concretizou todos os seus planos para a vida e, depois disso, passou a entregar ao Senhor o total de seus vencimentos. Seus dízimos e ofertas possibilitaram a fundação da Universidade Colgate e ajudaram sua igreja a enviar centenas de missionários para todas as partes do mundo. As industrias Colgate ainda hoje figuram entre as maiores do mundo em seu ramo. (Dr. A. J. Gordon, s/d.)

VI. A família que pertencia a Deus e a que não pertencia

Na América do Norte viveram há séculos dois homens que se conheciam. Um era crente, o outro não.

O crente, *Edward Jonatan*, quando ainda jovem, fizera um propósito de que, quando se casasse, entregaria toda a plenitude de seus bens e

de sua família para glória e engrandecimento do reino de Deus. Casou-se com uma moça crente, e no seu lar predominava a leitura da Bíblia e a oração. Esta família teve durante 150 anos 729 descendentes dos quais 300 se tornaram pregadores da Palavra de Deus, 65 professores em escolas superiores, 13 catedráticos, três deputados e um vice-presidente da nação.

O não crente, Max Junkers, casou-se com uma moça atéia e viveram conforme o seu ideal. Durante os 150 anos a família teve 1.026 descendentes, dos quais 300 morreram prematuramente, 100 foram condenados à prisão, 190 eram prostitutas e 100 alcoólatras.

Deus tem um plano especial para cada um de seus filhos na Igreja. Eu e você [nós] podemos nos transformar em pessoas especiais tanto para ir e fazer a obra de Deus, como para contribuir em favor dessa causa santa. Esses dois métodos Deus nunca rejeitou. Cada filho de Deus faz parte de "... um povo seu especial, zeloso de boas obras" (Tt 2.14). Mas é necessário que cada um de nós procure "... fazer cada vez mais firme..." a nossa vocação. Quando nos dispusermos a tal sacrifício, Deus nos escolherá para grandes tarefas que estão além da nossa imaginação (Jr 33.3).

(1) The Story of David Livingstone. R. Arnol, 1964
(2) Worship Services for Teenagers, A. A. Bays. Cit. D. E. Watts, 1983
(3) Five Minute Biographies, D. Carnegie, 1913

3

Valendo-se de fatores e circunstâncias

I. Usando os meios de acordo com sua vontade

Muitas vezes Deus se serve de alguns fatores e circunstâncias para dar cumprimento a seu plano na obra da redenção. Ele nem sempre fica sujeito a estes fatores ou a estas circunstâncias, ou a outros meios naturais; mas em determinados momentos Ele o faz para beneficiar a humanidade. O fato de que Deus pode utilizar-se das próprias "circunstâncias", divinamente controladas, é uma verdade reconhecida e expressa no decorrer da história humana e sagrada. Essas circunstâncias são várias e muitas vezes diversificadas, mas no final de tudo elas "... contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por *seu* decreto" (Rm 8.28).

No Brasil, por exemplo, Deus se valeu de alguns fatores e circunstâncias para levar avante seu plano de redenção já começado em nosso território por algumas denominações evangélicas. Podemos destacar alguns destes fatores e circunstâncias que se tornaram benéficos na obra de evangelização e crescimento do reino de Deus.

II. O ciclo da borracha

Alguns fatores internos e externos trouxeram grandes benefícios para a divulgação do pentecostalismo no Brasil. Passada a crise de transição do Império para a República [feita pelo Marechal Deodoro da Fonseca, no dia 15 de novembro de 1889], as últimas décadas do sécu-

lo XIX[1800 e ss.] e as primeiras do século XX [1900 e ss.] assinalaram o "apogeu da economia brasileira" voltada para a produção extensiva e em larga escala de matérias-primas e gêneros tropicais destinados à exportação. Fatores externos e internos contribuíram para essa expansão das atividades produtivas. Esses fatores trouxeram sem dúvida os seguintes resultados:

1. Desenvolvimento do comércio internacional;

2. Aumento da população mundial, especialmente a norte-americana, e melhoria do seu nível de vida, aumentando o consumo de alimentos;

3. Industrialização e desenvolvimento técnico dos transportes como fatores externos;

4. Solução do problema da mão-de-obra, tais como a abolição da escravatura e o fluxo de imigrantes;

5. Proclamação da República, com novos estímulos à prosperidade material;

6. Ação de interesses comerciais e financeiros estrangeiros que, aos poucos, foram ocupando todos os setores fundamentais da economia brasileira. Nas regiões Sul e Sudeste desenvolveu-se rapidamente o setor cafeeiro.

O café tornou-se, sem sombra de dúvida, o mais importante produto brasileiro, chegando o Brasil a participar com 70% do comércio internacional. Além das condições favoráveis do solo, o café encontrou em sua fulgurante marcha a decisiva contribuição dos braços imigrantes. Do ano da proclamação da República até 1930, São Paulo recebeu mais de dois milhões de imigrantes.

Aqui chegamos ao âmago da questão e fator principal, do qual Deus se valeu como contribuição na disseminação do poder pentecostal em nossa nação.

No mesmo período em que ocorreu essa ampliação da produção cafeeira nas regiões Sul e Sudeste, a borracha fornecida pela seringueira [hevea brasiliensis] tornou-se o segundo produto mais importante na pauta das exportações brasileiras. Os seringais amazônicos passam a atrair dezenas de milhares de migrantes, sobretudo nordestinos, para a coleta do látex. Atraem também o interesse de grandes companhias estrangeiras, européias e norte-americanas. A população multiplica-se,

a exportação da borracha chega a igualar-se à do café e a economia cresce rapidamente.

Como principais centros exportadores, Belém e Manaus modernizam-se, desenvolvendo relações comerciais com os centros da Europa e dos EUA. Embora há muito tempo utilizada pelos índios para fazer calçados, bolas e alguns utensílios, a borracha teve a sua primeira utilização industrial em 1770, quando começou a ser empregada para apagar traços de lápis. No entanto, foi a partir de 1890, paralelamente ao aumento da produção de automóveis, que a borracha se tornou uma das principais matérias-primas industriais.

Essa verdadeira explosão da borracha trouxe à Amazônia e ao Pará luxo e riqueza. De 1901 a 1910, sua exportação anual em média era de 34.000 toneladas. De 1910 [5 de novembro], ano em que nossos missionários Gunnar Vingren e Daniel Berg chegaram no Brasil, especialmente no Estado do Pará, até 1912, a produção atingiu sua quantidade máxima, chegando a 42.000 toneladas.

Durante o período de 1910 a 1912, os dois pioneiros da obra pentecostal no Brasil incendiaram o Estado do Pará com a chama viva deste poder. O objetivo de Deus na vida destes dois homens por Ele escolhido era dar continuidade à pregação de sua Palavra, acompanhada com "os sinais que se seguiram" (Mc 16.20). Antes destes pioneiros da obra pentecostal chegarem ao nosso país, outros grupos evangélicos já haviam pregado a Palavra de Deus em várias regiões: os calvinistas, 1557; os holandeses, 1630; os anglicanos, 1810; os metodistas, 1835; os luteranos, 1845; os congregacionais, 1855; os presbiterianos, 1859; os batistas, 1881; os episcopais, 1890; os adventistas, 1895. A Congregação Cristã no Brasil e o Exército da Salvação fixaram-se em nossa pátria em 1910 e 1922, respectivamente.

Alguns membros de algumas dessas denominações já se encontravam radicados no Brasil, antes das datas aqui mencionadas. Estes grupos, sem dúvida, desempenharam uma importante missão no reino de Deus. Suas metas eram primitivas: evangelizar todo o mundo. Entretanto, Deus queria algo especial na vida dos brasileiros, o que foi consolidado com a vinda dos missionários que aqui mencionamos. De todos os estados do território nacional deslocavam-se pessoas para a re-

gião Norte à procura de fama e dinheiro. Ali eram transformados pelo poder renovador do Espírito Santo, e mudavam de atitude em relação à sua vida e ao futuro.

Essa glória naquela região durou pouco. A partir de 1912 até 1920, foi a derrocada total, tão rápida quanto avassaladora. A explicação para a decadência está na própria forma de exploração que, segundo o historiador Nelson Piletti, avançou em etapas sucessivas desde o baixo Amazonas [Estado do Pará], passando pelo médio Amazonas [Estado do Amazonas], até atingir o atual Estado do Acre, que se tornou a principal região produtora. As atenções dos brasileiros e de uma boa parte do mundo comercial estavam voltadas para a região Norte do Brasil.

O conflito armado que começa em 1914, com uma disputa local entre o Império Austro-Húngaro e a Sérvia, estende-se às potências imperialistas da Europa e acaba se tornando global. O estopim foi o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono austríaco, em Sarajevo. A guerra termina em 1918, causando a morte de mais de 8 milhões de soldados e 6 milhões e meio de civis. Com esta devastação avassaladora de caráter mundial, houve uma mudança de comportamento e hábitos nas pessoas, e o sistema comercial sofreu também alterações consideráveis.

A partir daí, muitas famílias que tinham saído de seus estados e foram para a região dos seringais, agora, desiludidas e desapontadas, procuravam refúgio no Evangelho de Cristo. Após terem um verdadeiro encontro com nosso Senhor, estas pessoas voltavam para seus lugares de origem conduzindo em seus corações a chama pentecostal viva, acesa em Belém do Pará através de Gunnar Vingren e Daniel Berg, que ali chegaram em 1910. Muitas dessas famílias que deixavam suas cidades, parentes e iam em busca de riquezas, encontravam naquela região a maior dádiva que um ser humano pode encontrar nessa vida: a riqueza da alma, a salvação outorgada por Cristo.

Esse deslocamento de pessoas indo e vindo de Norte a Sul, de Leste a Oeste, possibilitou rapidamente o crescimento da obra de Deus em todos os estados do nosso país. Deus se serviu dos fatores e destas circunstâncias para cumprir seu plano na evangelização do Brasil e por extensão, do mundo. Algumas rotas que foram abertas durante o

período colonial, especialmente as denominadas "Rotas do ciclo da captura ao índio" e as "Rotas do grande ciclo do ouro", foram utilizadas depois de séculos para as migrações norte-sul e vice-versa.

III. A escolha do Estado do Pará

A escolha deste Estado ou região do Brasil por parte de Deus, fora, na verdade, a mais necessária para aqueles dias, quando ainda não havia um sistema de transporte como o de hoje. As condições naturais da Amazônia favoreciam a navegação fluvial. A bacia amazônica tem a maior área do mundo. São 23.000 kms. de rios navegáveis, que transformam as canoas [pirogas] e os barcos no principal meio de transporte da região. Só o seu rio principal, o Amazonas, tem cerca de sete mil afluentes, sendo os principais o Negro, o Trombeta e o Jari [margem esquerda]; o Madeira, o Xingu e o Tapajós [margem direita]. Seus imensos rios e seus afluentes favoreceram a penetração pelo vale amazônico e permitiram o estabelecimento em suas margens de numerosos núcleos de povoamento.

Com vistas a defender a área contra a invasão de estrangeiros, vários fortes foram instalados no vale amazônico. Isso trouxe por parte das autoridades militares a necessidade do reconhecimento e mapeamento fluvial daquela região. Esse mapeamento fluvial facilitou bastante o sistema de navegação convencional naquela região; pois era este o único meio de transporte naquela época. Valendo-se dessa situação navegável, os pregadores pentecostais [alguns nativos, outros não] levaram as boas novas para aquelas aldeias instaladas nas margens dos rios.

Temos alguns testemunhos maravilhosos, os quais confirmam como estes fatores que acima mencionamos foram utilizados: "Na realidade, a direção de Deus sobre as pessoas, individualmente, fazia com que a obra se estendesse cada vez mais. Aconteciam coisas maravilhosas no Pará" (Crispiniano Fernandes de Melo); "Nós nos reuníamos nas suas casas de palha à beira de diferentes rios e ali fazíamos cultos. Especialmente aos sábados à tarde, as pessoas vinham remando em canoas, de diferentes lugares"; "Deus nos dirigiu para outra vez visitar o mesmo lugar no distrito da *borracha*, que tínhamos visitado no início, quando

chegamos ao Brasil. O nome do lugar era Tapapuru. Deixamos ali 40 pessoas salvas" (os missionários).

Dali, da zona da borracha, quando estas pessoas aceitavam Jesus eram impulsionadas pelo ardente desejo de levar estas boas novas a seus familiares em diversos pontos do Brasil, o que possibilitou rapidamente o crescimento da obra. "Aqueles que iam crendo e sendo batizados, saíram avançando para outras localidades que se encontravam instaladas fora das margens dos principais rios, especialmente tribos indígenas".

Hoje, toda esta região tornou-se um dos solos mais férteis do mundo para a semeadura do Evangelho de nosso Senhor Jesus. Deus se valeu destes fatores, alguns naturais, outros criados pelo próprio homem, e ainda outros criados pelo próprio Deus e usou-os no plano da evangelização. No final das contas, o resultado foi glorioso.

IV. As peregrinações e dispersões

As peregrinações de Abraão, Isaque e Jacó e o cativeiro no Egito da nação eleita de Israel e posteriormente as dispersões, tanto a de Israel como aquela que sucedeu aos cristãos nos dias apostólicos ocasionada pela morte de Estevão, trouxeram benefícios espirituais incalculáveis para a humanidade.

A saída de Abraão de sua cidade, Ur dos caldeus, para peregrinar em terras estranhas, tinha como finalidade levar para aquelas gentes o conhecimento do verdadeiro Deus, do monoteísmo. O objetivo de Deus nessa missão entregue a Abraão, não era somente provar sua obediência e fé; mas, acima de tudo, levar também sua palavra e revelação a outros povos que se encontravam mergulhados nas densas trevas da ignorância moral e espiritual. Os 400 [ou 430 segundo Gálatas 3.17] foram sem dúvida anos de preparação para o princípio de formação da nação israelita. Através desse povo, Deus mostrara não só ao Egito, mas ao mundo todo o seu amor e poder. Durante esse tempo que Israel ali passou, por meio dele, muitos dos servos de Faraó passaram a conhecer a Deus (Êx 9.20).

A dispersão de Israel. Esta prova amarga trouxe muitas angústias e prejuízos incalculáveis para aquela nação. Contudo, para onde este povo

foi, levava consigo o conhecimento do verdadeiro Deus, o Criador do Céu e da Terra, e também do homem. Eles eram uma luz que brilhava nas trevas da ignorância que envolviam aquelas nações, para as quais foram levados cativos. Estando tão longe de Jerusalém, e sem ter o Templo de Salomão e o Tabernáculo para cultuar, o povo exigiu dos sacerdotes um modo temporário de retenção do conhecimento de Jeová. Assim, surgiram os grupos de adoradores que se reuniam regularmente para ouvir a lei, uma palavra de exortação ou explicação, o cântico de salmos e a recitação das orações.

Esses grupos formaram os primórdios da instituição que posteriormente seria conhecida com o nome grego de "sinagoga" (reunidos juntos). A intenção, a princípio, era que a sinagoga fosse apenas algo temporário, até que a volta a Jerusalém pudesse ser feita e o Templo, reconstruído. Contudo, a sua importância como força coesiva na unificação dos judeus numa comunidade foi gradualmente reconhecida e aceita universalmente pelos líderes religiosos. Ela não somente era o meio para ensino da lei e dos profetas, mas também uma forma de ajudar os judeus a reterem sua identidade nacional. Eles criaram um novo sistema de adoração e de ensino da Palavra de Deus através da sinagoga, que pouco a pouco foi alcançando também as necessidades das nações pagãs.

O Salmo 137.1-3 enfoca um pouco dessa situação, dizendo: "Junto aos rios da Babilônia nos assentamos e choramos, lembrando-nos de Sião. Nos salgueiros, que há no meio dela, penduramos as nossas harpas. Porquanto aqueles que nos levaram cativos nos pediam uma canção; e os que nos destruíram, que os alegrássemos, dizendo: Cantai-nos um dos cânticos de Sião".

José, no Egito; Moisés, em Midiã; Daniel e seus companheiros, na corte babilônica; Ezequiel, junto ao rio Quebar; e outros filhos de Deus que, por circunstâncias diversas, deixaram sua pátria e foram para outras que não eram suas, deram nelas seus testemunhos da existência de Deus e daquilo que Ele é e o que Ele pode fazer.

A dispersão cristã. Cremos que não fora da vontade de Deus aquela perseguição por causa da morte de Estevão contra sua tenra Igreja, que acabara de se formar na cidade de Jerusalém. Contudo, Ele aproveitou esta circunstância para mais uma vez derrotar o diabo e neutralizar

suas forças sombrias contra Ele e seu povo. Os inimigos pensavam que, forçando uma dispersão para a Igreja e deixando os apóstolos em Jerusalém, dariam cabo ao progresso da obra evangelizadora do reino de Deus. Mas o engano foi total. Cristo é a cabeça deste povo, que forma sua Igreja. Então Jesus os orientou para onde deviam ir e o que fazer. Pois "... os que foram dispersos pela perseguição que sucedeu por causa de Estevão caminharam até à Fenícia, Chipre e Antioquia, anunciando... a palavra..." (At 11.19). Dali, eles partiram para "...os confins da terra" (At 1.8).

O propósito de Cristo como respeito à evangelização do mundo não mudou. Hoje, Ele pode usar os "meios", os "fatores" e as "circunstâncias" e também as pessoas do mesmo modo. É somente Ele querer. Porque Ele pode (Mt 8.2).

4

Especializando-se em pequenas coisas

I. As grandes e as pequenas coisas

Especializar-se em pequenas coisas é sem dúvida uma das tarefas mais esquecidas da atualidade. Vivemos na Era da Cibernética, num mundo de opulência e de grandeza, onde a humildade e as pequenas coisas são quase que consideradas como fraquezas. Pensar em algo assim na atualidade é ser considerado atrasado e arqueológico.

As sete maravilhas do mundo. As sete maravilhas do mundo foram escolhidas no II século a.C. pelo poeta grego Antepare, para representar as maiores belezas e grandezas da humanidade.

1. *As Pirâmides do Egito.* Sepulturas dos faraós, construídas há mais de 40 séculos na planície de Gizé, a 15 km. do Cairo, a atual capital do Egito. As mais célebres são as de Quéops, com 137,2 m. de altura; a de Quéfren, com 136,5 m. de altura; e a de Miquerinos, com 66 m. Nas pirâmides trabalharam 100 mil homens revezando-se de três em três meses durante 20 anos. Além de 100 mil que trabalharam durante 10 anos preparando a estrada para que o material ali empregado pudesse chegar ao local. [1]

2. *Os Jardins Suspensos da Babilônia.* Seis montes de terra artificiais com terraços arborizados, apoiados em colunas de 25 a 100 m. de altura, construídos por Nabucodonosor em homenagem à sua mulher, Amitis, no sul do Iraque. Chegava-se a eles por uma escada de mármore.

3. *A Estátua de Zeus.* Figura central do Templo de Olímpia, na Grécia, esculpida por Fídias em 447 a.C., em marfim e ébano. Tinha 12 a 18 m. de altura. Destruída por um incêndio em 475 d.C.

4. *O Colosso de Rodes.* Estátua de Apolo com 32 m de altura. Foi esculpida em bronze por Chares em 280 a.C., no acesso à ilha de Rodes no Mediterrâneo. Destruída por um terremoto em 224 a.C.

5. *O Túmulo do Rei Mausolo.* De mármore, construído em 353 a.C. por Artemísia, viúva de Mausolo, em Halicarnasso, Cária, hoje Turquia. Tinha 50 m. de altura e terminava com uma carruagem puxada por quatro cavalos no topo de uma pirâmide com 24 degraus. Dentro, havia esculturas e estátuas. Destruído por um terremoto entre os séculos XI e XV d.C. Seus restos estão no Museu Britânico, em Londres, e em Bodrum, na Turquia.

6. *O Templo de Ártemis.* Erguido em 450 a.C. por Creso, rei da Lídia, na cidade de Éfeso, na atual Turquia. Homenageava a deusa dos bosques, Ártemis, chamada de Diana pelos romanos. Media 138 m. de comprimento por 71,5 m. de largura, com colunas de 19,5 m. de altura; e era famoso pelas obras de arte, entre elas a escultura da deusa em ébano, ouro, prata e pedra preta. Foi destruído duas vezes: a primeira em 356 a.C., num incêndio causado por Eróstrato, um maníaco; a segunda no século III d.C., pelos godos. Restaram algumas esculturas e objetos, que estão no Museu Britânico, em Londres.

7. *O Farol de Alexandria.* Farol de mármore, com 134 m. de altura, construído em 280 a.C. pelo faraó Ptolomeu II. Centenas de homens mantinham acesa uma chama no topo e mecanismos registravam a direção dos ventos e as horas. Destruído por um terremoto em 1303 d.C. No final de 1995, arqueólogos retiraram do fundo do Mediterrâneo estátuas e blocos de pedra que teriam sido partes do farol.

Todas estas maravilhas do mundo antigo foram destruídas, exceto as pirâmides do Egito. Mas um dia, no passado, elas ostentavam o orgulho e a grandeza da supremacia humana.

II. A manjedoura de Belém

Um dos maiores exemplos deixado para a humanidade de não desprezarmos as pequenas coisas é o do nascimento de Cristo na

manjedoura de Belém, uma pequena cidade que está localizada a 9 km. ao sul de Jerusalém, sobre uma colina rochosa. O que tornou Belém famosa foram certos acontecimentos que tiveram lugar dentro de suas portas.

A primeira menção que se faz a Belém está relacionada com a morte de Raquel, a esposa querida do patriarca Jacó: "Assim, morreu Raquel e foi sepultada no caminho de Efrata; esta é Belém" (Gn 35.19). Belém foi o cenário onde Rute encontrou Boaz e casou-se com ele. Ela seria mais tarde a bisavó de Davi, o grande monarca de Israel.

Em Belém nasceu Davi e lá passou sua infância, pastoreando os rebanhos nas montanhas da Judéia. Lá foi consagrado rei de Israel pelo profeta Samuel. Mas o que converteu esta pequena cidade em imortal foi o nascimento de Jesus numa de suas grutas, e em seguida colocado numa manjedoura. Desde esse acontecimento, que marcou a transição entre o Antigo e o Novo Testamento, Belém se fez imortal e vive no coração de milhões de cristãos. Não ignoramos que Deus é o Deus das grandezas. Negar este fato é sem dúvida alguma mergulhar no poço da ignorância. Mas Eliú, filho de Baraquel, o buzita, da família de Rão, diz "... que Deus é mui grande, contudo a ninguém despreza..." (Jó 36.5).

Os sábios fidalgos do Oriente partiram de sua terra e vieram até Jerusalém; mesmo sendo guiados pela estrela, tinham seus olhos voltados para o poder e a grandeza. Por isso erraram o caminho. Procuraram Jesus no palácio de Herodes; mas o Filho de Deus não nascera ali! Depois que encontraram Jesus, os ricos magos entenderam que o menino Jesus tinha nascido para eles e também para os pobres pastores belemitas. O exemplo de humildade aqui foi deixado; só não o segue quem não quiser.

III. O coração humano

Muitas vezes esquecemos que o coração, por ser tão pequeno e se encontrar escondido, não faria falta ao nosso corpo. Isso é engano. Sem ele, não há vida. Como órgão físico "pesa em média 250 gramas e não é maior do que o punho do seu possuidor. Bate 100.800 vezes por dia e,

no período de uma vida, é capaz de bombear sangue suficiente para encher 13.000.000 de barris" (O Estado de São Paulo).

Movimenta os quatro a cinco litros de sangue que contém o corpo humano, fazendo-o circular a uma grande velocidade. Em 15 segundos, ele passa de uma mão à outra. Em dois segundos, ele desce da coxa à ponta do pé. Em cerca de um minuto e meio, o sangue dá uma volta completa pelo corpo.

O objetivo deste livro é despertar nossa consciência a pensarmos nas "pequenas coisas da vida". Algumas tribos no mundo representam essas minorias que se encontram distantes, quase que riscadas do mapa das grandes civilizações do mundo moderno. Jesus contou-nos muitas parábolas que envolviam as grandes dimensões da existência. Falou do mundo, das riquezas, dos anjos, dos reinos, dos reis, etc. Mas um dia Ele contou uma parábola que apenas envolvia cinco passarinhos, dos quais Ele não esqueceu os quatro, mas tomou apenas **um** para ilustrar o grande cuidado de Deus também pelas minorias.

Em Mateus 10.29, o Mestre diz: "Não se vendem **dois** passarinhos por um ceitil? E nenhum deles cairá em terra sem a vontade de vosso Pai".

Em Lucas 12.6, Ele acrescenta: "Não se vendem **cinco** passarinhos por dois ceitis? E nenhum deles está esquecido diante de Deus".

Em Mateus dois pássaros custam "um ceitil" e em Lucas, cinco pássaros custam "dois ceitis". Isto significa que nessa transação "um pássaro" ficou sem valor. Ele passou a fazer parte da minoria esquecida. Mas é exatamente sobre este "pássaro esquecido" que recai o cuidado de Deus, conforme ficou demonstrado pelos ensinos de Jesus.

IV. Procurou e achou 400 escondidos entre 1,2 bilhão

Um professor da Universidade de Israel especializou-se em "minoria judaica". Pelos estudos que fizera cuidadosamente ao longo dos anos, ele chegou à conclusão que estavam faltando 400 judeus que faziam parte do censo de Israel. Pacientemente ele começou a procurá-los no mundo, onde cerca de 6 bilhões [5,8 bilhões, em 1996] de pessoas se movimentam. Depois de grandes buscas, finalmente ele descobriu a pista migratória dessas 400 pessoas; elas tinham ido para a Chi-

na continental, onde cerca de 1,2 bilhão de seres humanos habitam aquele país do extremo oriente.

Depois de uma longa caminhada, o professor ali chegou e começou a procurá-los. Estabeleceu seus estudos para encontrá-los tomando como base o que os judeus mais gostam de fazer e de comer, porque isso facilitaria a localização da região onde mais se usa esse tipo de comércio e de comida. Jesus disse que"o que busca, encontra" (Mt 7.8) e o resultado dessa procura foi que ele os encontrou! Estes 400 judeus tinham se tornado minoria no meio de um contigente humano sem precedente; mas o professor os encontrou, porque ele procurava uma minoria perdida, mas que amava.

V. Procurando por Paulo

Quando Paulo foi aprisionado em Roma, capital do império, tornou-se desamparado por quase todos seus amigos e companheiros de ministério. Ele se tornara minoria diante dos olhos humanos que vêem as coisas do lado oposto do divino. Prisioneiro, velho, solitário e doente, sem a presença de seu amigo Tito, que por algumas vezes o consolou (2 Co 7.6), Paulo foi surpreendido pela visita dum velho companheiro que tinha se especializado nesse tipo de minoria. Era Onesíforo, o qual fez uma viagem a Roma.

Onesíforo viu ali na imponente cidade as grandezas que a mesma ostentava. Suas lindas praças, suas extensas avenidas, seus jardins impressionantes e perfumados. Navegou talvez no Tibre, onde os gêmeos Rômulo e Remo, filhos da vestal Réia Silva e de Marte, abandonados em um cesto, foram lançados. Levado pela corrente, o cesto encalhou junto ao monte Palatino e os dois foram amamentados pela loba do Capitólio.

Onesíforo deve ter ido ao coliseu. Mas ele se lembrou que naquela cidade tão linda e tão poderosa encontrava-se um velho amigo seu. Ele sabia que Paulo não se encontrava em qualquer um daqueles lugares por onde ele passara. Só poderia estar na prisão: lugar de isolamento do contexto social. Ele pertencia a uma minoria considerada como de malfeitores aos olhos da sociedade. Onesíforo saiu de prisão em prisão, até encontrar seu velho companheiro.

Era o cárcere Mamertino, encravado numa rocha a alguns metros abaixo do solo. Paulo depois escreve que somente foi encontrado naquela prisão porque Onesíforo empreendera uma busca com "muito cuidado". Ele disse: "Antes (Onesíforo), vindo ele a Roma, com muito cuidado me procurou e me achou" (2 Tm 1.16-18). Cremos que o coração do velho apóstolo inundou de alegria em ouvir a voz e depois a própria pessoa daquele ilustre servo de Cristo, de atitude tão nobre para aquele que nenhuma consolação humana lhe era oferecida.

VI. Ouvindo o bramido do mar e das ondas

Nosso Senhor Jesus Cristo em várias peças doutrinárias falou do mar, dos rios, da chuva, das ondas e correntezas e até lembrou do dilúvio que destruíra o mundo antigo; mas não se esqueceu de mencionar "um copo de água fria" que alguém movido pelo Espírito de Deus daria como prova de contribuição em favor de um profeta ou de um outro discípulo seu. Assim o Mestre falou: "E qualquer que tiver dado só que seja um copo de água fria a um destes pequenos, em nome de discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão" (Mt 10.42).

Os alunos dos rabinos eram chamados pequeninos, e Jesus tomou de empréstimo essa expressão, aplicando-a aos seus discípulos. Jesus reconhecia a fraqueza deles, as dificuldades inerentes à missão, a oposição que encontrariam, e assim sendo pensou neles em termos simpáticos e misericordiosos, como fossem crianças, seus alunos. Todo aquele que lhes mostrasse misericórdia, praticando uma ação de bondade, ainda que pequena, ajudando-os no caminho e mitigando sua sede, não deixaria de ser notado por Deus e ser abençoado física e espiritualmente.

Muitos só querem se interessar pelo todo, como se o todo fosse tudo, sem as partes. Mas é evidente que as partes juntas é que formam o todo e os poucos juntos é que formam o muito. As grandes conquistas missionárias jamais começaram com uma nação inteira sendo salva de uma só vez; mas, com efeito, esse processo foi se desenvolvendo gradativamente através de pessoas, famílias, tribos em casos especiais e daí por diante.

VII. Os que deram muito e a que deu pouco

Jesus falou cerca de 60 vezes sobre o dinheiro. E quando precisou, usou dele para atender algumas de suas necessidades. Falou algumas vezes em talentos, riquezas, abundância de bens, mas também mencionou uma insignificante quantia que valia apenas **um** centavo ou menos disso, em moeda brasileira, elogiando a nobre atitude de uma viúva pobre que ali, na "arca do tesouro", deitara todo o seu sustento. Depois da contribuição volumosa dos abastados, quando a enorme fila já estava terminando, Jesus olhou do lugar onde se encontrava assentado e viu quando "... uma pobre viúva, deitou duas pequenas moedas, que valiam um quadrante" (Mc 12.42).

Jesus jamais desprezou e nem criticou as grandes ofertas, e esse não é o nosso pensamento nessa argumentação. Mas a sua divina atenção recaiu em direção àquela viúva que lançara na arca do tesouro "duas pequenas moedas". O *lepton* era uma pequena moeda que valia apenas "um oitavo de centavo". Que a mulher deu "duas" dessas moedas indica a disposição de sacrificar-se. Em sua grande pobreza, ela podia dar apenas "uma" delas, mas deu "duas!".

VIII. Olhando o geral, mas não esquecendo o específico

Ao finalizarmos nosso ponto no presente capítulo, queremos salientar que devemos olhar para o mundo como sendo um todo. "O campo é o mundo". Não existem dois campos e nem dois mundos a serem evangelizados; contudo, devemos salientar que, neste vasto e imenso campo onde a Igreja tem situado seu centro de evangelização, existe ainda alguém que, por razões diversas, não foi alcançado pela boas novas do reino. É necessário que a Igreja, através de todos os seus seguimentos de evangelização, faça um novo mapeamento, descobrindo estas minorias e depois partindo para esta nova tarefa: a de evangelizá-las.

Paulo falou deste método de evangelização quando escreveu sua epístola aos romanos. Ele disse: "E desta maneira me esforcei por anunciar o evangelho, não onde Cristo houvera sido nomeado, para não edificar sobre fundamento alheio; antes, como está escrito: Aqueles a quem não foi anunciado o verão, e os que não ouviram o entenderão" (Rm 15.20,21).

Paulo não usou aqui a palavra "campo", ainda que alguns queiram forçar o texto em foco para dizer isso. Ele falou de "fundamento alheio", sobre o qual ele não queria edificar. O apóstolo pregava o evangelho da incircuncisão [para os gentios]; Pedro e os demais apóstolos pregavam o da circuncisão [para os judeus]; os dois poderiam estar dentro do mesmo campo, geograficamente falando; porém, atendendo necessidades e pessoas diferentes. Se houvesse hoje esta compreensão entre os obreiros e as igrejas do Senhor, o resultado na evangelização do mundo seria mais eficaz e glorioso.

5

O Pentecostes e seus efeitos na evangelização

I. O Pentecostes e a evangelização

O dia de Pentecostes marcou profundamente o destino da Igreja e dos povos que habitavam na Terra, naqueles dias. A descida do Espírito Santo em sua plenitude inaugurou tanto para os cristãos como para os pecadores uma nova época, chamada a da dispensação da graça de Deus, oferecida à humanidade por meio de Jesus Cristo. O poder em plenitude ali derramado não somente tinha como finalidade encher os crentes de poder, mas também iniciar uma nova forma de evangelização que, sem dúvida, teve lugar com o regresso daqueles "... judeus, varões religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu".

Esses judeus tinham nascido nas regiões que a seguir foram mencionadas, mas eles receberam a revelação de Deus de que Jesus Cristo era o seu Filho, e que sua morte na cruz tinha sido em favor de todos. Daquelas "quase três mil almas" que naquele dia se renderam aos santos pés de Cristo, uma boa parte era composta desses judeus. E, através dos quais, Deus espalharia as boas novas do Evangelho às demais pessoas que habitavam nas diferentes regiões da Terra.

Relacionado a esta promessa por parte de Cristo está inserido o plano da evangelização do mundo. Os discípulos só deveriam permanecer na cidade de Jerusalém "até" quando do alto fossem revestidos de po-

der. Foi essa a determinação do divino Mestre Jesus Cristo. Ele disse: "... ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder" (Lc 24. 49b); promessa esta que novamente é lembrada em Atos 1.4,5, que diz: "E, estando com eles, determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, que (disse ele) de mim ouvistes. Porque, na verdade, João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias".

Em Atos 1.8, nosso Senhor mostra aos discípulos que o glorioso batismo com o Espírito Santo tinha muito a ver com sua obra evangelizadora aqui na Terra. Ele disse: "... recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-ies testemunhas...". Essa unção transmitida pelo Espírito aos discípulos traria em suas mentes uma nova visão missionária com caráter de alcance mundial, pois a visão que eles tinham até aquele momento era apenas a de uma evangelização patriótica, estendendo-se apenas ao povo judeu (At 11.19).

Nas outras oportunidades em que o Espírito Santo desceu e batizou os crentes, o fenômeno ocorreu fora das portas de Jerusalém, a saber, em Samaria (At 8.14-17), Damasco (At 9.17), Cesaréia (At 10.44,45) e Éfeso (At 19.6); mostrando Deus assim para eles que sua salvação e seu poder não tinham barreiras nem fronteiras nacionalistas. Nas demais ocasiões que foram citadas tais ocorrências houve derramamento de poder inteiramente relacionado com o processo da evangelização do mundo. A salvação era agora oferecida a todos os homens e em todo o lugar (At 17.30).

II. As nações ali representadas

A lista de diversas nações presentes na cena do Pentecostes foi tomada como representação delegada das diversas regiões [14] geográficas do mundo daqueles dias. Os informes apresentados por Lucas seguem linhas geográficas com o propósito de ilustrar a grande variedade dos povos que pelos judeus religiosos foram ali representados. Ele usa uma frase de caráter universal, dizendo: "... de todas as nações [todas as regiões numa tradução com sentido completamente geográfico] que estão debaixo do céu".

A seguir, ele faz uma lista de regiões começando pelo Nordeste para o Ocidente e para o Sul da Terra e conclui relacionando os dois extremos: Ocidente e Sudeste. Também segue a ordem das quatro dispersões dos judeus: caldaica, assíria, egípcia e romana, e termina com dois extremos: os povos de fala grega e as nações muçulmanas em sentido profético.

III. A dispersão babilônica

Partos e medos, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia

1. *"Partos... "*. A Pártia era um distrito que ficava a sudeste do mar Cáspio, que fizera parte do império persa, conquistado por Alexandre, o Grande, da Macedônia. Atualmente, a região da antiga Pártia faz parte do moderno Irã. De acordo com o historiador Flávio Josefo, os israelitas deportados para esse território continuavam a falar um dialeto aramaico e a adorar ao verdadeiro Deus, enviando tributos ao templo de Jerusalém.

2. *"Medos... "*. Os medos têm sua origem em Madai, o terceiro filho de Jafé (Gn 10.2). Sua terra ficava situada entre o moderno Irã Ocidental, bem como parte do moderno Iraque. De acordo com Ptolomeu, limitava-se ao norte com o mar Cáspio ou mar Hircânio, a oeste com a Armênia Maior e a Assíria, a leste com a Hircânia e a Pártia, e ao sul com a Pártia. Era um povo ariano, mencionado por Heródoto, filósofo e historiador grego do século IV a.C. A história dos judeus na Média é relatada no livro de Ester. Em alguns relatos bíblicos, este povo aparece freqüentemente associado ao povo persa. Josefo diz que "Madai foi o fundador dos medianos, que os gregos chamam de medos".

3. *"Elamitas... "*. Os elamitas eram descendentes de Sem, o primeiro filho de Noé (Gn 10.22). Josefo diz de Elão o que segue: "De Elão que era o mais velho de Sem, vieram os elameenses, do qual os persas tiveram sua origem".

4. *"Mesopotâmia... "*. O escritor sagrado aqui faz menção dos "... que habitam na Mesopotâmia". Meso (entre) + potâmia (rios) [entre rios] em grego, é o nome da faixa estreita de terra comprimida entre os rios Tigre e Eufrates. Esta rica planície atraiu uma série de povos, que se encontraram e se misturaram, empreenderam guerras e dominaram uns aos outros,

formando o que denominamos civilização mesopotâmica. Entre esses povos temos os sumérios, os babilônicos, os assírios e os caldeus. Os pântanos da antiga Suméria, atual porção do Sul do Iraque, foram o berço das civilizações do mundo. As principais foram Ur [cidade de Abraão], Uruk e Nipur. Nas dispersões babilônica e assíria, muitos judeus foram levados para ali cativos e instalaram suas tendas junto a seus rios (Sl 137).

IV. A dispersão assíria

Judéia, e Capadócia, Ponto e Ásia, e Frígia e Panfília

1. *"Judéia..."*. A palavra "Judéia" aqui mencionada, neste caso, pode significar toda a região da Palestina onde se falava o hebraico e o aramaico, que incluía certas partes da Síria, conforme o termo é utilizado algumas vezes. Em certos manuscritos antigos, alguns rabinos, ao escrever aquela região da Palestina, omitiam a palavra "Judéia". Em seu lugar, usavam Síria, Armênia, Índia, Lídia, Iduméia, etc. Tertuliano, escritor cristão do II e III séculos, usou no lugar de "Judéia" a palavra "Armênia". Jerônimo conjeturou que se tratava da "Síria", e Crisóstomo opinou que era a "Índia".

Devemos ter em mente que Lucas jamais se enganou. Ele disse que era a "Judéia" e evidentemente é a Judéia que aqui está em foco. O fato é que nos dias apostólicos, a Judéia tinha se tornado província romana. Lucas, ao mencionar todas as nações representadas, sentiu-se forçado como historiador sagrado de mencionar esta região como legenda, e não como extensão.

2. *"Capadócia..."*. Os capadócios tiveram sua origem em Meseque. De acordo com Josefo, antigamente este povo se chamava "mescinianos"; o nome *capadócios* que eles têm agora é novo. Seu território localizava-se em toda região que se encontra entre os montes do Tauros e o mar Negro, incluindo porções da Turquia moderna, parte da Síria e do atual Iraque. A Capadócia se limitava a Leste pelo rio Eufrates e ao Norte pelo Ponto. Em 17 d.C. tornou-se província romana. Atualmente a região da Turquia ocupada anteriormente pela antiga Capadócia tem sido uma das mais visitadas pelos arqueólogos e turistas internacionais.

3. *"Ponto..."*. Esta região é citada também em Atos 18.2 e 1 Pedro 1.1. O Ponto foi localizado como sendo um país da Ásia Menor. De acordo com Ptolomeu, limitava-se a oeste com a boca do rio Ponto e com o Bósforo Trácio, além de parte do Proponto; ao passo que ao norte estava o mar Negro e, ao sul, o país que se chama propriamente Ásia, enquanto que a leste ficavam a Galácia e a Paflagônia. Atualmente essa área representa a moderna Turquia e costas do sul do mar Negro.

4. *"Ásia..."*. Este termo aparece em o Novo Testamento em várias passagens: Atos 2.9; 6.9; 16.6; 19.10,22,26,31; 20.4,16,18; 21.27; 24.19; 27.2; Romanos 16.5; 1 Coríntios 10.19; 2 Coríntios 1.8; 2 Timóteo 1.15; 1 Pedro 1.1; Apocalipse 1.4,11. Quando se vê esta palavra, pensamos em três regiões: na província romana chamada Ásia; no território chamado de Ásia Menor, atual porção da moderna Turquia asiática; no continente asiático propriamente dito.

De acordo com alguns eruditos, a Ásia que aqui está em foco é o território que tinha a Lícia e a Frígia a leste, as praias do mar Egeu a oeste, o mar Mediterrâneo ao sul e a Paflagônia ao Norte. As sete igrejas mencionadas no Apocalipse 1 a 3 encontravam-se situadas dentro deste território ou país, denominado de "Ásia Menor".

5. *"Frígia..."*. De acordo com Plínio, a Frígia era um país da Ásia, limitado com a Galácia ao Norte; em parte com a Licaônia, a Pisídia e a Migdônia ao Sul; e com a Capadócia ao Oriente. Atualmente esta região compreende a parte centro-ocidental da Turquia. Paulo passou por esta região quando realizava sua segunda viagem missionária (At 16.6).

6. *"Panfília..."*. Segundo os historiadores antigos, a Panfília era chamada anteriormente de Mopsósia, limitada a Oeste pela Lícia e parte da Ásia; ao Norte pela Galácia; a Leste pela Cicília, que nesse tempo fazia parte da Capadócia; e ao Sul pelo mar da Panfília, isto é, pelo mar Mediterrâneo. Atualmente esta região faz parte do centro-sul da Turquia.

V. A dispersão egípcia

Egito e partes da Líbia, junto a Cirene

1. *"Egito..."*. Aqui o escritor sagrado faz referência ao Egito e par-

tes do continente africano. Ele diz: "Egito e partes da Líbia, que é *comarcã* [português lusitano] a Cirene". Estas três regiões devem ser tomadas aqui juntas para representar o continente africano. Plínio assevera que os gregos chamavam a África de Líbia.

2. *"...e parte da Líbia que é comarcã a Cirene"*. No português antigo, era usado o termo "comarcã" no lugar de "junto" a Cirene, para designar as demais regiões e nações africanas.

VI. A dispersão romana

Forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos

1. *"Forasteiros romanos..."*. Aqui se diz: "... tanto judeus como prosélitos". Alguns romanos tinham se tornado judeus por religião [eram os prosélitos] e alguns judeus tinham se tornado romanos por nacionalidade; haviam nascido em Roma ou mesmo em uma outra província que pertencia ao império romano.

2. *"Judeus e prosélitos..."*. Após se tornarem cidadãos romanos, alguns judeus posteriormente tinham vindo habitar em Jerusalém, juntamente com alguns prosélitos de Roma. Destes, tinham vários grupos em Jerusalém no dia de Pentecostes e foram atingidos pelo poder de Deus; eles haveriam de regressar pouco depois às suas cidades de origem; o que fizeram com certeza, levando em seus corações a chama viva do glorioso poder divino manifestado ali, no Pentecostes.

VII. Os povos das ilhas e do Sudeste

Cretenses e árabes

1. *"Cretenses..."*. Os cretenses eram os habitantes da ilha de Creta, localizada ao largo das costas gregas e da Ásia Menor, na parte centro-oriental do mar Mediterrâneo. De acordo com os historiadores dos primeiros séculos, nessa ilha havia cerca de 100 cidades. Alguns eruditos pensam que os "quereteus", os quais faziam parte da guarda pessoal de Davi, eram originários da ilha de Caftor que tem sido identificada como sendo a ilha de Creta. Para os judeus, a palavra "ilha" ou "ilhas" encontram-se cerca de 38 vezes nas Escrituras, e em alguns dos lugares onde aparece a palavra "ilha", pode ser traduzida para seu original hebraico "AI". Os antigos usavam esta palavra "ai"

como "terra costeira". Era termo designativo das grandes civilizações do outro lado do mar. Os judeus, por exemplo, chamam de "Quitim" [nome da ilha de Chipre] todas as ilhas e todos os lugares marítimos. Talvez Lucas tivesse em mente usar o termo cretenses, para designar todo o povo de fala grega.

2. *"Árabes... "*. Geograficamente falando, esta expressão usada aqui por Lucas, quando escrevia os Atos dos Apóstolos, fora empregada para designar os povos árabes que habitavam as três arábias conhecidas do mundo de então. Eram elas: Arábia Petrea, Arábia Deserta e Arábia Féliz.

Arábia Petrea, que se limitava a oeste com parte do Egito; ao norte com a Judéia e parte da Síria; ao sul com o mar Vermelho; ao oriente com a Arábia Féliz.

Arábia Deserta, que se limitava ao norte com uma parte da Mesopotâmia; a leste com a Babilônia; ao sul com a Arábia Féliz; a oeste com a Síria e a Arábia Petrea.

Arábia Féliz [atualmente ocupada pelo país do Iêmen], limitava-se ao norte com as fronteiras sulistas das arábias Petrea e Deserta e com a porção mais sulina do Golfo Pérsico. Era chamada pelos romanos de "Arábia Feliz", devido às suas extensões de terras férteis, em contraste com o deserto que domina a Península Arábica.

No plano da evangelização, contudo, a expressão "e árabes", empregada aqui no texto em foco, deve ser entendida como termo designativo para todas as pessoas que atualmente professam a religião muçulmana. Devemos pensar nas pessoas que fazem parte do mundo muçulmano com muita simpatia e amor. Os árabes são por demais pessoas necessitadas da graça de Deus, e aqui na lista feita em Atos 2.9-11, eles aparecem como sendo o último reduto a ser alcançado pelo poder do Evangelho de Cristo, que "... é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê" (Rm 1.16).

6

Enviados por Deus e pela Igreja

I. Como pregarão se não forem enviados?

Neste capítulo focalizaremos a importância do obreiro ser enviado para o campo missionário por Deus e pela Igreja.

O apóstolo Paulo, que foi missionário por mais 30 anos em diversos países, fala disso com muita precisão. Ele diz: "Como pois invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos os pés dos que anunciam a paz, dos que anunciam coisas boas!" (Rm 10. 14,15).

No texto em foco, encontramos o vocábulo "*como*" sendo usado cinco vezes, e complementado por quatro perguntas, a saber:

"... como pois invocarão aquele em quem não creram?"

"... e como crerão naquele de quem não ouviram?"

"... e como ouvirão, se não há quem pregue?"

"... e como pregarão, se não forem enviados?"

Essas quatro perguntas formuladas pelo apóstolo, mostram-nos a grande responsabilidade que está posta sobre cada cristão de modo geral e sobre a Igreja.

II. A missão da Igreja é levar as pessoas à crerem em Cristo

1. **"Como pois invocarão aquele em quem não creram?"**

Diversos estudiosos dividem Atos em duas seções, alguns em três e outros em seis. Essas divisões estariam assim distribuídas:

duas partes:

Primeira: Atos 1 a 12: a vida e ministério de Pedro;

Segunda: Atos 13 a 28: a vida e ministério de Paulo.

três partes:

Primeira: Atos 1: a subida de Jesus para o Céu;

Segunda: Atos 2: a descida do Espírito Santo no Pentecostes;

Terceira: Atos 3-28: a expansão da Igreja até aos confins da Terra.

seis partes:

Estas seis seções seguiriam mais um objetivo missionário. Elas mostrariam a natureza e o caráter do livro, começando por Jerusalém e seguindo até os confins da Terra. Nesse sentido o livro pode ser considerado uma fonte orientadora da missão evangelística e missionária. Nas seis seções em que ele se divide encontramos o desenvolvimento da missão cristã avançando para os "confins da terra".

Primeira: Atos 1.1 a 6.7 – Jerusalém torna-se o centro de ensinamento e evangelização das boas novas do reino de Deus que acabara de ser inaugurado por Cristo. Os discípulos desenvolveram um plano de evangelização tão eficaz, que os próprios inimigos disseram: "... eis que enchestes Jerusalém dessa vossa doutrina..." (At 5.28). Os primeiros cristãos foram conscientizados que os habitantes de Jerusalém ou de qualquer parte do mundo somente "invocariam a Cristo", se cressem que Ele era, de fato, o Filho do Deus bendito. Doutra maneira, isso jamais seria possível para um povo arraigado na lei de Moisés e em suas tradições seculares.

Segunda: Atos 6.8 a 9.31 – Nesta seção o Evangelho é pregado por toda a Palestina. Agora, não só Jerusalém tinha ouvido as Boas-novas do reino, mas as outras regiões tais como: "toda a Judéia, Galiléia e Samaria" foram alcançadas pela missão evangelizadora, criada e desenvolvida pelos cristãos dos dias apostólicos. Atos 9.31 diz: "Assim, pois, as igrejas em toda a Judéia, e Galiléia e Samaria tinham paz, e eram edificadas, e se multiplicavam, andando no temor do Senhor e consolação do Espírito Santo". Os crentes em Jerusalém tinham certeza de que somente evangelizando as pessoas que habitavam nesta região, lhes dariam a possibilidade dos mesmos crerem. Porque a "fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus".

Terceira: Atos 9.32 a 12.24 – O Evangelho ultrapassa as fronteiras que mencionamos acima e caminha até Antioquia. Agora não somente a Palestina, mas o país vizinho da Síria também tinha sido alcançado. Cristo, portanto, estava sendo conhecido sucessivamente por toda aquela gente.

Quarta: 13.1 a 16.5 – Paulo e Barnabé empreendem sua primeira viagem missionária. Eles vão a Chipre e Ásia Menor; depois voltam para Jerusalém, após fundarem um vasto campo pontilhado de Igrejas e pontos de pregação.

Quinta: Atos 16.6 a 21.14 – Paulo segue rumo a Europa, visitando a Macedônia e a Grécia. No decorrer do Novo Testamento, encontramos várias igrejas que foram edificadas nesta viagem missionária.

Sexta: Atos 21.15 a 28.31 – Paulo retorna a Jerusalém e depois, através de muitas circunstâncias, é levado até Roma, em cumprimento da missão que do Mestre recebera. Mas todas essas circunstâncias e revezes que sobrevieram ao apóstolo dos gentios contribuíram para maior proveito do Evangelho. A maioria dos teólogos acha que deve ser considerado como "um dos maiores desperdícios para humanidade" os anos que Paulo passou aprisionado e julgado. Outros até acham que ele, ao ser advertido pelo Espírito Santo, não deveria ter ido a Jerusalém. Atos 21.3,4 diz que Paulo, ao entrar na cidade portuária de Tiro, "... achando discípulos..." ficou ali sete dias; "... os quais pelo Espírito diziam a Paulo que não subisse a Jerusalém".

De maneira semelhante, na casa de Filipe, o evangelista, que morava na cidade de Cesaréia, Paulo foi novamente advertido pelo profeta Ágabo que, após se apoderar da cinta do apóstolo, disse: "... Isso diz o Espírito Santo: Assim ligarão os judeus, em Jerusalém, o varão de quem é esta cinta, e o entregarão nas mãos dos gentios. E, ouvindo nós isto, rogamos-lhe, tanto nós como os que eram daquele lugar, que não subisse a Jerusalém" (At 21.11,12). Com efeito, porém, mesmo havendo estas solicitações e também as revelações feitas pelo próprio Espírito Santo no tocante ao futuro de Paulo, parece que tudo estava sendo feito dentro do plano de Deus.

Havia uma predição divina que dizia o seguinte a respeito de Paulo: "Disse-lhe, porém, o Senhor [a Ananias]: Vai, porque este é para mim

um vaso escolhido para levar o meu nome diante dos gentios, e dos reis, e dos filhos de Israel" (At 9. 15). Quando Paulo manifestou seu firme propósito de ir a Jerusalém, ele disse: "E, agora, eis que, ligado eu pelo espírito, vou para Jerusalém, não sabendo o que lá me há de acontecer, senão o que o Espírito Santo, de cidade em cidade, me revela, dizendo que me esperam prisões e tribulações. Mas em nada tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus" (At 20.22-24).

Quando Paulo chegou a Jerusalém, decorridos apenas sete dias depois de sua chegada, foi aprisionado, cumprindo-se assim as profecias e revelações que falaram estas coisas a seu respeito. Depois de comparecer perante o Sinédrio, na noite seguinte, Paulo recebeu uma visita do Senhor Jesus, dizendo para ele estas palavras: "... Paulo, tem ânimo! Porque, como de mim testificaste em Jerusalém, assim importa que testifiques também em Roma" (At 23.11). A seqüência dos acontecimentos viria a demonstrar claramente que ele estava, verdadeiramente, seguindo a perfeita vontade de Deus.

E a respeito disto o próprio Paulo expressou-se, dizendo: "E quero, irmãos, que saibais que as *coisas* que me *aconteceram* contribuíram para maior proveito do evangelho. De maneira que as minhas prisões em Cristo foram manifestas por toda a guarda pretoriana, e por todos os demais lugares" (Fp 1.12,13). Estas circunstâncias eram por demais árduas e dolorosas, mas o apóstolo as aproveitava para tirar proveito na obra da evangelização que, em seu pensamento devia ocupar o primeiro lugar.

2. ***"... E como crerão naquele de quem não ouviram?"***

A missão plena da Igreja era pregar e ensinar àqueles que através da pregação se convertiam a Cristo. No geral, aquelas pessoas vinham cheias de vícios, tradições e costumes completamente alheios ao procedimento cristão. Agora, como "meninos novamente nascidos", eram ensinados cuidadosamente nos caminhos do Senhor em quem haviam crido. Cristo intercalou o ensino na missão evangelizadora. Ele disse: "... ensinai todas as nações... ensinando-as a guardar todas as *coisas* que eu vos tenho mandado..." (Mt 28.19,20).

3. ***"... e como ouvirão, se não há quem pregue?"***

A Igreja no pensamento divino era e é a responsável pela obra missionária aqui na Terra; mas isso seria realizado através de seus membros. Tornando, portanto, necessário que a mesma oferecesse um tipo de treinamento para esses novos pregadores das Boas-novas do reino. Doutra maneira, ela não tem a quem enviar. Então vem a pergunta: "... *como ouvirão se não há quem pregue?"*

A Igreja, portanto, tem a responsabilidade de escolher, ensinar e enviar os obreiros para os campos missionários. Eles também deviam saber a quem iam pregar e o que iam anunciar; isso fazia e faz parte do treinamento que nosso Senhor deu a seus discípulos no inicio de seu Ministério.

Ele falou do povo: "Às ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mt 10.6);

Ele ensinou a mensagem: "Indo, pregai dizendo: É chegado o reino de céus" (Mt 10.7).

Quando nosso Senhor morreu e ressuscitou dos mortos, seu pensamento em relação à evangelização não mudou. Ele apenas adicionou que agora seria "a todas as nações", e não somente "às ovelhas perdidas da casa de Israel".

Novamente Ele falou do povo, dizendo: "... a toda a criatura" e "em todas as nações" (Mc 16.15; Lc 24.47);

E novamente ensinou a mensagem dizendo que "... em seu nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados" (Lc 24.47).

4. ***"E como pregarão, se não forem enviados?"***

Fazer missão é algo muito sério diante de Deus e também dos homens, e muitas vezes queremos evangelizar apenas pelo impulso da emoção. Não desejamos jamais ignorar o valor da emoção para a nossa tarefa na obra evangelizadora. Mas missões é algo que se deve pensar. Nunca devemos enviar alguém apenas para alcançarmos um número elevado em nossa junta ou secretaria de missões; quando assim procedemos, não estamos seguindo na direção correta traçada por Deus. A meta principal nessa tarefa missionária deve envolver as três partes: Igreja, Ministério e os candidatos à missão.

a. A Igreja deve ser a principal responsável pelo envio do missionário ou missionários.

b. O Ministério deve cuidar de uma outra parte, ou seja, da avaliação do obreiro e prepará-lo de acordo com as normas e regras do procedimento.

c. O candidato à missão torna-se uma peça importante nesse negócio. Ninguém deve fazer missões por conta própria ou isoladamente. Quem assim procede começa bem e termina mal. Não estamos aqui ignorando as exceções de Deus; isso aí é uma outra coisa; mas no pensamento geral das Escrituras, o obreiro deve ser enviado.

Paulo pergunta em Romanos 10.15: "... como pregarão, se não forem enviados?". Os apóstolos de Cristo, mesmo sendo as maiores autoridades em matéria de fé, jamais trabalharam isoladamente ou por conta própria; tanto nos evangelhos como em Atos e também nas epístolas, encontramos a expressão: "enviado" ou "enviados" ligada diretamente ao serviço da obra missionária.

Primeiro: Os doze (Mt 10.1,5);
Segundo: Os setenta (Lc 10.1);
Terceiro: Pedro e João (At 8.14);
Quarto: Barnabé (At 12.22);
Quinto: Barnabé e Saulo etc. (At 13.4).

Nas epístolas paulinas encontramos vários obreiros sendo "enviados" para serviços especiais. Paulo os enviava e os recomendava.

Reconhecemos que existem determinadas circunstâncias e fatores diversos, que têm forçado muitas pessoas a saírem por conta própria para o campo missionário. São diversas essas circunstâncias e inúmeros estes fatores. Todos nós os conhecemos; não vamos, portanto, mencioná-los aqui. Entretanto, essa não é e não deve ser a maneira correta de se fazer missões.

III. Devemos ter certeza e convicção de nossa chamada

Certa ocasião, ainda em minha tenra idade, fui convidado por um grupo de empresários para participar de um culto de louvor. Depois da oração e uma pequena meditação na Palavra de Deus, todos se viraram para mim e disseram: "Irmão Severino Pedro, nós sabemos que o amado tem uma chamada de Deus para o campo missionário; então nós decidimos lhe fazer uma proposta: escolha o país para onde quer ir e determine o valor do salário que deseja ganhar, e nós lhe manteremos".

"Não irei assim", respondi prontamente a todos. Eles então insistiram, perguntando porque não aceitei aquela proposta. Eu novamente lhes disse: "Somente irei um dia para a missão, se a Igreja me enviar; não irei, portanto, apenas enviado por vocês". Como todos eram meus amigos, insistiram para que eu dissesse o motivo de tal decisão. Então lhes expliquei e disse: "São vários os motivos". E acrescentei:

Primeiro: Não irei apenas enviado por conceitos humanos, pois o homem morre, desvia-se e fica pobre.

Segundo: A Igreja, pelo contrário, não morre, não se desvia e nem fica pobre.

Na parte final do versículo em foco, em cujo texto baseamos nosso argumento, Paulo diz que a pregação do Evangelho deve ser feita em forma poética e em termos de grande amor. Evidentemente, isso somente será possível se o obreiro tiver plena convicção de sua chamada divina para essa tão árdua missão. O amor de Cristo nos constrange a pregar o Evangelho; mas ninguém deve pregar constrangido; e, sim, voluntariamente. Quando assim praticamos, até nossos pés se tornam formosos.

Estes "pés" aqui considerados são apenas os daqueles que anunciam as Boas-novas de esperança para um mundo sem esperança. Os pés são belos, à moda poética, porquanto são os meios físicos de transporte dos mensageiros do Evangelho, e tais mensageiros levam uma mensagem agradável e cheia de esperança. Os pés, aqui, são símbolos da pessoa íntegra que anuncia as Boas-novas. Esses pés são belos, porque caminham nos montes, nas planícies, nos campos, nos caminhos, nos valados, nas ruas, junto às fontes, no mar, nos ares, nas casas, nos hospitais, nos presídios, para adoração no Templo etc.

"Quão belos, quão agradáveis, quão dignos, quão merecedores de honra e respeito são os mensageiros que levam as Boas-novas de salvação a todos os povos"; "Quão belos são os pés! Do ponto de vista dos céus, nada existe tão amável sobre a terra como a propagação do nome de Jesus Cristo, a um mundo em necessidade, quando o propagador é alguém que ama e sabe".

Esse trabalho pode ter, e geralmente possui mesmo, bem pouco do romance colorido, algo que muitos imaginam. Geralmente, essa tarefa

leva o obreiro às circunstâncias mais estranhas e difíceis. Com freqüência será tentado a pensar que "a viagem é grande demais para ele", levando-o a anelar pelo descanso para seus pés cansados e pesados. Porém, seu Senhor lhe diz, o tempo todo: "Quão belos são os pés!"

Essa é a continuação do que o próprio Rei "começou a fazer" (cf. At 1.1), quando Ele próprio se constituiu no primeiro missionário que veio a um mundo que precisava dEle sem medida, mas que não reconheceu quando Ele chegou. Além disso, esse parágrafo assevera a necessidade do trabalho missionário ainda com a maior insistência do que assevera a sua beleza. A necessidade do mundo não consiste apenas no melhoramento, elevação, evolução. Consiste de "salvação". Trata-se da aceitação, da santidade e do céu. É Deus; é Cristo. E essa necessidade deve ser satisfeita não pelas expansões sutis da política e da sociedade.

Nem o "aprimoramento cerebral inconsciente" da raça humana poderá regenerar o homem decaído. E nem a sua horrenda ferida poderá ser curada por qualquer drenagem, através dos recursos fantasmagóricos de uma esperança que só visa o pós-morte. Essa tarefa deve ser levada a efeito agora, em nome de Jesus Cristo. Seu nome, a fim de tornar-se conhecido, precisa ser anunciado e esclarecido. E esse trabalho cumpre ser feito por aqueles que já o conhecem, pois, do contrário, não poderá ser realizado sob hipótese alguma. "Não há outro nome..." [1].

E também não existe outro método de evangelização. Em sentido teológico, podíamos usar a palavra "desviado" como antônimo de "enviado". O "enviado" quer dizer "aquele que foi enviado" [no passado], ou "aquele que está sendo enviado" [no presente], e ainda "aquele que será enviado" [no futuro]. Pelo contrário, o "desviado" quer dizer: "afastado da posição normal", "o que mudou de direção ou rumo" etc. Nesse caso, não significa ordinariamente "desvio" da fé; e, sim, "desvio do dever ou da missão" em que ele[ela] estava alistado, recaindo sobre ele [ela] o "ai" destinado aos que não anunciam o Evangelho (1 Co 9.16).

(1) O NTI-VPV. R. N. C. 1982

7

Preparados para a missão

I. Chamados e preparados

A chamada divina para a missão, seja ela pátria ou estrangeira, deve ser caracterizada pelos preparos espiritual, secular e ministerial na vida da pessoa que está sendo vocacionada para tal tarefa: seja homem ou mulher, não importa o sexo a que pertence:

1. ***Preparo espiritual***

O preparo espiritual deve vir em primeiro lugar na vida da pessoa que se sente vocacionada por Deus para realizar uma missão na Seara do Mestre. Esse preparo, deve ser realizado pôr três vias importantes, a saber:

a. *Leitura com meditação das Escrituras Sagradas.* Ler a Bíblia no sentido mais simples e ordinário possível. Procurando descobrir pacientemente o pensamento geral das Escrituras sobre a grande missão na qual ele estará entrando. Durante sua leitura, deve, portanto, evitar a procura de apoio para suas idéias preconcebidas. Com o passar do tempo, essa leitura da Bíblia trará para o leitor conhecimento geral e linhas de pensamentos embasados nos eternos propósitos de Deus, que jamais o deixarão se desviar para outra direção.

Paulo foi um homem instruído no saber e na erudição ordinária de seus dias. Seus treinamentos quanto à sabedoria humana mui prova-

velmente incluiu a educação filosófica ordinária, a retórica e a matemática, sem falar em seus estudos sobre a religião e as tradições judaicas. Contudo, após sua conversão no caminho de Damasco, foi orientado por Cristo a buscar novas revelações de conhecimentos espirituais. Ele passou algum tempo em Damasco, ocasião em que conheceu e fez amizade com aqueles a quem veio procurar poucos dias antes, a fim de detê-los e levá-los agrilhoados para Jerusalém, para serem julgados perante o tribunal superior dos judeus: o Sinédrio.

A permanência de Paulo em Damasco provavelmente foi de pouca duração, porquanto, na passagem de Gálatas 1.17, somos informados que pouco depois de sua conversão ele se dirigiu para o "deserto da Arábia". Ali, só com Deus, reconstruiu a estrutura interior do homem espiritual. Ali, no "deserto da Arábia", durante três anos de meditação, ele recebeu as visões e revelações iniciais que posteriormente passaram a fazer parte de seus escritos (At 9.19-23; Gl 1.17). Em seu retorno, foi novamente para Damasco, onde se demorou por pouco tempo, ocasião em que fez, pelo que parece, sua primeira visita a Jerusalém após sua conversão. Paulo fez quatro visitas à Cidade Santa depois de aceitar a Jesus. De acordo com Atos, suas visitas foram estas:

Primeira: Atos 9.23-30;

Segunda: Atos 11.30; 12.25;

Terceira: Atos 15.1-4;

Quarta: Atos 21.17-28.

Mas a primeira delas parece ter sido somente depois de seu retorno do deserto da Arábia (At 9.23-30).

b. *Jejuar com sabedoria divina.* O cristão em geral deve jejuar, pois tal prática faz parte de seu sucesso espiritual. No tocante ao obreiro, o jejum torna-se indispensável. Este, porém, deve ser feito com sabedoria e dentro dos métodos racionais. Não devemos submeter nossos corpos a um processo de exaustão até o último limite de nossa capacidade. Devemos jejuar, portanto, de acordo com nossas forças, e não além disso (Ec 9.10).

c. *Uma vida de oração.* São oferecidas pelos comentadores várias interpretações dentro das palavras que compõem o "Pai Nosso". Esta oração ensinada pelo Senhor contém seis (ou sete segundo alguns) pe-

tições, nas quais existem 23 elementos essenciais às necessidades da vida. São estes:

Relacionamento: Pai Nosso
Reconhecimento: que estás nos céus
Adoração: santificado seja o teu nome
Antecipação: venha o teu reino
Consagração: seja feita a tua vontade
Universalidade: assim na Terra
Conformidade: como no Céu
Necessidade: o pão nosso de cada dia
Súplica: dá-nos
Definição: hoje
Penitência: e perdoa
Obrigação: nossas dívidas
Perdão: assim como perdoamos
Amor e misericórdia: aos nossos devedores
Direção: não nos deixes
Proteção: cair em tentação
Salvação: mas livra-nos
Justiça: do mal
Fé: pois teu é o reino
Humildade: e o poder
Reverência: e a glória
Sem tempo determinado: para sempre
Afirmação: Amém.

As primeiras três petições da oração falam sete pontos a respeito de Deus; as três [ou quatro segundo alguns] últimas petições falam 16 pontos concernentes ao homem (R.G.).

O obreiro jamais terá sucesso em seu ministério, se não tiver uma vida dedicada à oração, que tem sido comparada por alguns como sendo o "oxigênio da alma", sem o qual ela morre.

2. ***Preparo secular***

Aqui, neste ponto, não queremos dizer que Deus se prenda simplesmente ao fato de somente "enviar" para sua obra obreiros intelectuais. Não! Nós não estamos falando assim. Porque, com efeito, não são muitos

os intelectuais que são chamados. Paulo falou disso em seus elementos doutrinários. Ele disse: "Porque vede, irmãos, a vossa vocação, que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são *chamados*" (1 Co 1.26). Mas aconselha-se que os candidatos à missão tenham, pelo menos, concluído o segundo grau. O motivo disto é porque na maioria dos países para onde o missionário vai exige-se para efeito de documentação legal, por parte das autoridades, esse grau de instrução. Já falamos em outra seção que Deus tem suas exceções; mas esse procedimento técnico é muito importante.

3. ***Preparo ministerial***

Constitui sua experiência adquirida ao longo dos anos de sua cooperação com respeito à Igreja e ao ministério; sua ordenação e sua instrução teológica.

a. *Sua experiência*: esta será adquirida no dia-a-dia, com exemplos próprios e outras experiências que o trabalho do Senhor e alguns homens de Deus nos ensinam.

b. *Sua ordenação*: o candidato deve ser devidamente ordenado pelo ministério ou convenção a que pertence, e precisa ser emitido um certificado de ordenação, pois é esse o primeiro documento que o departamento de imigração, em quase todos os países do mundo, exige daqueles que desejam desempenhar funções religiosas.

c. *Sua instrução teológica.* Qualquer obreiro que deseja realizar uma obra para Deus, seja ela em sua própria nação ou fora dela, deve ser possuidor de notável saber, tanto bíblico como teológico.

Estas qualidades lhe possibilitará segurança naquilo que ele prega, ensina e edifica. Paulo diz que os fundamentos devem ser postos por homens sábios e não tolos (1 Co 3.10). Reconhecemos que nem todo o mestre é um pastor; mas o missionário, a exemplo do pastor, deve ser um mestre, pois boa parte do seu ministério, no início da obra missionária, é o ensino, visto que ele ainda não dispõe de pessoas qualificadas para tal tarefa. Assim, torna-se necessário que ele seja um bom *evangelista*, para ganhar as almas; um dedicado *mestre*, para edificar as almas e um bom *pastor*, para cuidar das ovelhas que estão sob seus cuidados. Além de todas estas qualidades e preparos que falamos aci-

ma, necessários para o obreiro, ele deve primeiramente está convicto de sua chamada e vocação para o ministério e para a missão. Sem esta certeza, ele se sentirá um obreiro inseguro, vacilante; e não vencerá na vida, nem dentro e nem fora do ministério.

II. Morrendo por falta de preparo

Muitas pessoas que são chamadas por Deus e sentem em suas almas a calorosa chamada para missões pátrias ou estrangeiras, às vezes, ignoram por completo a necessidade de se preparar para determinadas atividades profissionais que podem trazer benefícios a si mesmas e à humanidade. Este, porém, não foi o conceito da Srta. Ida Scudder, jovem americana que ajudava seu pai, um médico americano que trabalhava entre os hindus.

– Que é isso? – perguntou a Srta. Ida – Posso fazer alguma coisa para ajudá-lo?

A luz do lampião revelava as feições tensas de um dos líderes da vila.

– Oh, sim! Preciso desesperadamente que você ajude minha esposa – falou aquele jovem com soluços abafados. Ela é uma linda jovem de apenas 14 anos, e está tendo um parto complicado. Acredito que você, que veio da América, pode ajudá-la.

A Senhora Ida compadeceu-se do jovem hindu.

– Mas é meu pai que você quer. Ele é o médico. Vou chamá-lo.

O jovem olhou para Ida e retrucou:

– Nunca! – exclamou perturbado, impedindo a passagem – nenhum homem que não seja da própria família de minha esposa pode vê-la. Você precisa vir.

– Mas eu não sou médica. Nem mesmo enfermeira. Não posso fazer coisa alguma. Você tem que me deixar chamar meu pai para ajudar sua esposa.

– Não! – respondeu o homem – É impossível. Você não quer vir?

Pesarosa, Ida meneou a cabeça, enquanto o hindu se retirava triste em meio à escuridão da noite. Antes de amanhecer outros dois homens apareceram com o mesmo pedido, suplicando ajuda para suas jovens esposas que estavam em trabalho de parto. Por duas vezes mais, Ida teve de dizer aos maridos ansiosos que nada podia fazer e viu-os afas-

tar-se sem ajuda médica porque suas convicções religiosas não permitiam que um homem atendesse suas esposas. De manhã, bem cedo, chegaram as notícias de que aquelas três jovens estavam mortas. Naquela manhã, antes do café matinal, Ida foi até o quarto dos pais e anunciou: "Vou para a América a fim de estudar e me formar médica. Depois voltarei para ajudar as mulheres da Índia".

Em 1 de janeiro de 1900, Ida Scudder formou-se em medicina. Tomou um navio e desembarcou em Madras, pronta para cumprir sua promessa que fizera àquele povo e a Deus. Hoje, o Colégio Médico Cristão de Vellore permanece como um memorial à dedicação da Dra. Ida Scudder. Ali, centenas de médicos e enfermeiras são preparados para servir ao povo da Índia. Deus tinha um plano para a sua vida! Mas faltava-lhe o preparo! Porém, a Dra. Ida teve uma nobre atitude. Voltou para sua terra natal. Pacientemente estudou até se formar. Preparou-se para a grande tarefa que Deus lhe chamara! Viu o fruto do seu esforço e foi bem-aventurada! Deus tem também um plano para sua vida!

III. Preparou-se primeiro e depois serviu

Abraão tinha 75 anos de idade quando Deus o chamou e tornou-o missionário aos 100 anos. Esta primeira fase de sua vida constituíram anos de preparação. Deus aparecera a Abraão quando este era ainda menino, morando em Ur dos Caldeus antes mesmo de habitar em Harã. Falou-lhe que era o "Deus altíssimo, o possuidor dos céus e da terra". Nesta aparição divina, Deus falara a Abraão que o tinha "eleito" para que fosse seu representante diante dos homens (cf. Ne 9.6; At 7.2). Abraão sentiu-se incapaz para tão grande missão, alegando para Deus que apenas se julgava "pó e cinza". Flávio Josefo, historidor judeu do I século d.C., confirma aquilo que diz a Bíblia com relação a Abraão. Ele afirma que, para obedecer à ordem que havia recebido de Deus, Abraão deixou a Caldéia com a idade de 75 anos e foi morar na terra de Canaã.

Era homem muito sensato, prudente e de grande espírito, e tão *eloqüente* que podia persuadir qualquer um que desejava. Como nenhum outro o igualava em capacidade e em virtude, ele deu aos homens o conhecimento da grandeza de Deus muito mais perfeito do que o tinham antes. Foi ele primeiro o qual declarou que existe um só Deus;

que o Universo é obra das suas mãos, e que é unicamente à sua bondade, e não às nossas próprias forças, que devemos atribuir toda a nossa felicidade.

Berose, citado por Josefo, fala de Abraão nos seguintes termos: "Na décima era, depois do dilúvio, havia entre os caldeus, um homem muito justo e muito hábil na ciência dos astros". De acordo com alguns historiadores judeus, Abraão teria ido ao Egito, não somente para lá peregrinar, mas também para comunicar o conhecimento do verdadeiro Deus àquela nação.

Atingido por uma grande fome que causara uma enorme carestia, a qual assolara a terra de Canaã, Abraão teve notícia neste mesmo tempo que o Egito gozava de grande abundância. Resolveu ir para lá, porque lhe era interessante conhecer os sentimentos dos sacerdotes daquele país com relação às divindades, a fim de que, se eles fossem mais bem instruídos do que ele, conformar-se com a sua crença; mas se, ao contrário, ele fosse mais instruído do que os mesmos, ele lhes comunicaria sua fé.

Nessa conversa fez conhecer-se sua virtude e granjeou-lhe grande renome. Os sábios do Egito possuíam sentimentos diversos, e esta diversidade causava-lhes mui grande divisão. Abraão lhes deu tão claramente a conhecer que estavam muito longe da verdade e uns e outros admiravam igualmente a grandeza do seu espírito. Não podiam admirar-se bastante do dom que ele tinha de persuadir. Ele lhes quis mesmo ensinar Aritmética e Ciência dos Astros que lhes eram desconhecidas; "foi por meio dele que essas ciências passaram dos caldeus aos egípcios e dos egípcios aos gregos".

Abraão preparou-se, e Deus lhe concedeu uma grande missão. A fé de Abraão e sua comunicação aos homens sobre o Deus verdadeiro preparava os pensamentos humanos nos longos séculos do porvir para o recebimento de um que seria membro de sua posteridade, a saber, Jesus Cristo.

IV. Preparou-se só para a vida terrena

Existem certas pessoas cujas mentes limitam-se apenas à extensão desta vida. Certa vez, uma dessas pessoas que pensam assim aproximou-se do Sr. Gladstone, primeiro-ministro inglês. O ministro, ao ver

aquele jovem em torno de si, perguntou-lhe:

– Deseja alguma coisa? Posso ajudá-lo?

– Sim! Respondeu o jovem. Vim pedir-lhe um conselho sobre meu futuro. Eu quero estudar Direito, disse o jovem.

– Muito bem, e daí? o Sr. Gladstone perguntou.

– Quando terminar, espero poder pertencer à Ordem dos Advogados.

– E depois?

– Aí espero obter um lugar no Parlamento Inglês.

– Sim, e depois?

– Farei grandes coisas pelo meu país.

– Muito bem, jovem, e depois?

– Creio que me aposentarei e passarei a levar uma vida fácil.

– E depois? o Sr. Gladstone perguntou ainda.

– Naturalmente morrerei, o jovem respondeu com ar de tristeza.

– Certo, mas depois?

– Bem, nunca pensei *além* disso, o jovem respondeu.

– Então você é um tolo, disse o Sr. Gladstone. Volte para casa e pense na vida.

Pensar no futuro é pensar certo. Moisés preparou-se durante sua vida na corte de Faraó, pensando no futuro. Ele sabia que um dia Deus lhe usaria para tirar seu povo da escravidão egípcia. Mas não ficou de braços cruzados esperando que chegasse o momento desse acontecimento. Durante seus primeiros 40 anos, aproveitou o prestígio que desfrutava como "filho da filha de Faraó", o vigor da juventude, a fertilidade de sua mente e freqüentou todas as universidades egípcias. No final dos 40 anos, "... Moisés foi instruído em toda a ciência dos egípcios". Tornando-se assim "... poderoso em suas palavras e obras" (At 7.22).

Completada sua fase preparatória, "... veio-lhe ao coração ir visitar seus irmãos, os filhos de Israel. E, vendo maltratado um *deles*, o defendeu, e vingou o ofendido, matando o egípcio. E ele cuidava que seus irmãos entenderiam que Deus lhes havia de dar a liberdade pela sua mão; mas eles não entenderam. E, no dia seguinte, pelejando eles, foi por eles visto, e quis levá-los à paz, dizendo: Varões, sois irmãos; por que vos agravais um ao outro? E o que ofendia o seu próximo o repeliu, dizendo: Quem te constituiu príncipe e juiz sobre nós? Queres tu

matar-me, como ontem mataste o egípcio? E a esta palavra fugiu Moisés e esteve como estrangeiro na terra de Midiã..." (At 7.23-29).

Moisés, após 40 anos de preparação, ainda não se encontrava preparado para lidar com o povo de Deus. Iniciou o processo de libertação, mas começou errado! Começou pelo caminho da violência! Moisés pensava que lidar com escravos era da mesma maneira que lidar com os aristocráticos do paço. Mas era diferente. Deus o levara para Midiã, para mais uma nova etapa de preparação: 40 anos mais! Moisés agora não era apenas "um homem do paço", mas era "um homem com mais passos". No primeiro avanço da emoção, ele se ofereceu: mas foi rejeitado! Agora, instruído por Deus e disciplinado pelas circunstâncias da vida, Deus lhe convida, mas ele recusa. Mas Deus o convence. Então ele vai e liberta Israel do cativeiro egípcio. Tornando-se, portanto, um líder sem paralelo na história humana e sagrada.

8

Levantando os olhos e vendo as terras

I. Olhando os campos brancos para a ceifa

Era o mês de dezembro quando nosso Senhor, na companhia de seus discípulos, deixou a Judéia e seguiu para a Galiléia. Fazendo uma outra rota era-lhe necessário passar por Samaria. Ali chegando, especialmente na cidade de "... Sicar, junto da herdade que Jacó tinha dado a seu filho José...", sua visita foi marcada pelo seu extraordinário encontro com a mulher samaritana. É exatamente nessa ocasião que o Mestre mostra para seus discípulos que a colheita do trigo palestino ainda estava distante; contudo, a colheita das almas já tinha chegado. Então Ele afirma: "Não dizeis vós que ainda há quatro meses até que venha a ceifa? Eis que eu vos digo: Levantai os vossos olhos, e vede as terras, que já estão brancas para a ceifa" (Jo 4.35).

No princípio do ministério terreno de nosso Senhor, Ele falou da seara e dos ceifeiros. "A seara", a princípio, referia-se à nação de Israel. Mas tarde, porém, Jesus incluiu o mundo inteiro. Então a "seara" tornou-se muito maior (Mt 9.37; 28. 19-20). Aqui, no texto em foco, Ele adiciona também os samaritanos como parte desta "seara". A compaixão de Jesus exige a ação de ceifar no campo espiritual. Por meio dessas comparações tomadas dos trabalhos agrícolas, Jesus mostrou

que no campo das almas Deus recompensará não só os que semeiam mas também os que colhem.

Os apóstolos vão colher o que os profetas e principalmente Cristo semearam. Mas a garantia do Senhor para ambos fica assegurada. "O que ceifa recebe galardão, e ajunta fruto para a vida eterna; para que, assim o que semeia como o que ceifa, ambos se regozijem" (Jo 4. 36).

Mas para que este processo de semeadura e colheita se torne realidade, é necessário que o Evangelho de Cristo seja pregado. Sua palavra é a semente, e esta, para germinar, precisava ser semeada, para depois nascer e por último frutificar. Cristo nos deu o bom exemplo, mostrando-nos como isso pode ser feito. E a figura que Ele mostrou do semeador sobre a seara é expandida mais tarde. Nos dias de Jesus a seara já era "... grande, mas poucos os ceifeiros".

Ainda faltavam "quatro meses" para que a ceifa do trigo começasse. Era o mês de dezembro, e eles tinham de esperar até os meses de abril/maio. Mas Jesus chamou a atenção para a ceifa das almas dos samaritanos e por extensão a colheita do mundo inteiro. Em uma de suas parábolas sobre a semeadura, o Mestre falou: "... O reino de Deus é assim como se um homem lançasse semente à terra... porque a terra por si mesma frutifica; primeiro, a erva, depois a espiga, e, por último, o grão cheio na espiga. E, quando já o fruto se mostra, mete-lhe logo a foice, porque está chegada a ceifa" (Mc 4.26,28,29).

As leis da Natureza foram estabelecidas por Deus. E da mesma maneira que progridem as estações do ano e a semente se desenvolve, transformando-se em uma planta em amadurecimento até chegar o tempo próprio da colheita, assim também acontecerá às leis espirituais de Deus. Já tivemos a oportunidade de falar em outras notas expositivas deste livro sobre o solo que se tornou fértil com a morte de Cristo. Ouvimos vez por outra propagandas com este *slogan*: "Plante que o governo garante!". Quando, porém, aplicado do lado divino de observação, ele é mais evidente: "Plante que Cristo garante!".

II. Uma foice afiada na mão do ceifeiro

"E olhei, e eis uma nuvem branca, e assentado sobre a nuvem um semelhante ao Filho do Homem, que tinha sobre a sua cabeça uma

coroa de ouro e, na sua mão, uma foice aguda" (Ap 14.14). Não iremos seguir nesta passagem o sentido escatológico que a mesma contém, mas iremos mostrar o grande valor que tem uma "foice afiada" nas mãos do Senhor da seara. João levantou os seus olhos, e viu o Ceifeiro celeste assentado sobre uma nuvem branca. Ele logo o identificou: o Ceifeiro celeste era o Senhor Jesus Cristo, sentado sobre uma nuvem branca e fazendo dela sua carruagem.

Ele parte agora para sua importante tarefa. Duas "foices agudas" [afiadas] são citadas aqui por "sete vezes" (vv. 14-19). Também nos é dito que elas se encontram nas mãos de Jesus [o Filho do homem] e nas mãos de um outro elevado poder angelical, que recebeu ordem de Deus [o anjo que tem poder sobre o fogo] para realizar a ceifa e a vindima. Contudo, devemos observar que a primeira "foice" mencionada está nas mãos do "Filho do homem"; enquanto que a segunda está nas mãos do anjo que saiu "... do templo, que está no céu".

O Filho do homem recebeu ordem [o Pai está em foco nesta passagem: um anjo comum não podia dar ordem ao Filho do homem] para ceifar a seara da Terra que já se encontrava madura, enquanto o anjo do templo recebeu ordem para vindimar os cachos da vinha da Terra, porque já as suas uvas estão maduras. No campo da evangelização mundial, Cristo é o Ceifeiro e cada cristão uma "foice afiada" colocada em suas mãos. Existe uma espécie de vai-e-vem aplicado nas leis da semeadura e colheita. Um bom semeador tanto planta como colhe e tanto colhe como planta (Gl 6.7,8). Mas é importante que cada foice se encontre afiada [pela leitura da Bíblia, pela oração, pelo jejum e pela verdadeira vida de comunhão com Deus].

III. Não viu porque dormiu

Quem dorme no tempo da sega, evidentemente não pode levantar seus olhos e ver os campos brancos: Então vai perder toda a safra (Pv 10.5). No campo da locomoção, quem dorme sempre causa desastre. Um exemplo do desastre que pode acontecer quando os que deviam estar de "olhos abertos" encontram-se com "eles fechados" pode ser ilustrado aqui numa história trágica.

Um trágico acidente que poderia ter sido evitado é a história do que aconteceu na noite de 22 de junho de 1918. Um comboio transportando um circo com todo o seu equipamento deixou a cidade de Michigan, Indiana, durante a noite para Hammond, também no mesmo Estado americano. Além de 14 vagões apropriados para este fim, levando tendas e demais equipamentos, havia sete que transportavam animais e mais quatro carros-dormitórios para os artistas e acrobatas do circo. Em Ivanhoe, o maquinista teve de parar o trem a fim de examinar um compartimento dos freios que estava aquecendo muito. Não havia outro trem na linha nesse horário, mas por precaução o maquinista colocou sinais de alerta atrás do comboio. Além disto os sinais automáticos da linha estavam também em operação.

Atrás, na cidade de Michigan, um trem vazio deixou a estação logo de manhã e tomou a direção oeste justamente atrás do trem do circo. Ele ultrapassou os sinais amarelos que advertem o maquinista a ter cuidado e finalmente transpôs o sinal vermelho. O homem da sinalização começou a agitar freneticamente a lanterna ao aproximar-se a composição, mas foi inútil. O trem de transportar tropas que estava vazio avançou e entrou na traseira do trem do circo, matando 68 pessoas e muitos animais.

O maquinista do trem de tropas havia tomado uma pílula contra dor de cabeça antes de deixar a cidade de Michigan. Ele havia adormecido e não notou os sinais de alerta. Em alguns setores da vida cristã, Satanás vem procurando fazer com que todos adormeçamos a fim de não vermos os sinais de advertência. Guerras, fome, terremotos, tormentas, enfermidades de todo tipo; tudo isto nos diz que devemos estar atentos. O crescente número de crimes, conflitos, revoluções, também nos diz que Jesus está prestes a voltar. O espiritismo e a união de igrejas devem servir como clamor aos nossos ouvidos. Se não ouvirmos esse grito, é porque estamos dormindo. É tempo de despertar! Jesus breve voltará!

IV. Olhando de maneira errada

O profeta Ezequiel, no exílio babilônico, teve uma estranha visão na "... entrada do templo do Senhor, entre o pórtico e o altar". Ele viu

cerca "de vinte e cinco homens, de costas para o templo do Senhor, e com os rostos para o oriente; e eles adoravam o sol virados para o oriente" (Ez 8.16). Estes homens estavam olhando numa direção errada. Este ritual por eles praticado era feito ao amanhecer do dia, quando o Sol despontava. As Escrituras em várias passagens ensinam-nos a "olharmos" para Deus (Is 45.22) e para Cristo (Hb 12.2). Somente eles são dignos de adoração, porque também são os únicos que têm o poder de salvar e destruir.

Adorar uma outra coisa, seja celestial ou terrena, significa levar nossos pensamentos e colocar nossos olhos numa direção completamente errada. Deus permitiu que fossem inseridos no Cânon Sagrado certos ensinamentos para nossa advertência. Paulo diz que "... tudo que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito..." (Rm 15.4); em 1 Corintios 10.11 ele adverte: "Ora tudo isto lhes sobreveio [a Israel] como figuras, e estão escritas para aviso nosso...". Nunca devemos tirar nossos olhos de Cristo e nem perder nossa visão espiritual, pois somente assim teremos condições de ver os campos brancos prontos para a ceifa.

Quando abrimos o Novo Testamento e chegamos em Atos 20.9, encontramos um jovem olhando de forma completamente invertida. Seu nome é Êutico. Tornou-se figura bastante conhecida no meio cristão, devido à sua morte e ressurreição. Ele participava dum culto de despedida do apóstolo Paulo. Sua posição era por demais incômoda: "... assentado numa janela" e de costas para o mundo.

Êutico encontrava-se numa posição completamente errada: sentado no terceiro andar, com as costas viradas para o mundo, e ainda cochilando. Jamais este jovem conseguiria levantar seus olhos, levados pelo poder da imaginação criadora que pouco a pouco ia combinando imagens antigas para com elas formar novos conjuntos nas palavras de Paulo e ver as terras, os campos e os continentes que já se encontravam brancos para a ceifa. Muitos em nossos dias encontram-se na mesma situação desse jovem cristão. Enquanto uns estão andando e semeando, outros estão assentados e de braços cruzados. Enquanto uns estão acordados, orando e jejuando, outros estão dormindo. Enquanto uns estão com seus olhos levantados, olhando as terras e tendo compaixão

delas, outros estão com seus olhos baixos olhando para o piso, ou seja, somente para as coisas terrenas.

Não sabemos se este jovem entrou pela porta ou se subiu por outra parte até a janela. O fato é que ele lá estava! Desligado de tudo e de todos. A narrativa de Atos 20.7,8 diz que Paulo naquela noite reunira os cristãos para ministrar a Ceia do Senhor, o que era considerado o maior culto da Igreja primitiva, porque nele eram lembrados os sofrimentos de Cristo que por nós foi imolado. Muitas vezes estes cultos se estendiam até a alvorada. Paulo, presente naquela noite em Troas, iria partir no dia seguinte para a cidade de Assôs. Aproveitou aquele culto tão solene para nele expor seu plano missionário com relação a novos campos que iam se abrindo pelo poder da pregação do Evangelho de Cristo.

Êutico era um jovem que se encontrava em pleno vigor físico. Mas se desinteressou pelo assunto de Paulo sobre missão. Sentou-se (veja onde) numa janela, tosquenejou e depois dormiu. Em seguida, caiu e morreu. Sua morte foi prematura, causada pela falta de atenção.

Sua sorte e de seus familiares foi a presença do apóstolo, que fora capacitado por Deus com o extraordinário dom de operar maravilhas. Podia então usá-lo para ressuscitar os mortos. Parou seu sermão por um pouco, deixando o segundo tópico para a parte seguinte da noite. "Paulo, porém, descendo, inclinou-se sobe ele e, abraçando-o, disse: Não vos perturbeis, que a sua alma nele está. E, subindo, e partindo o pão e comendo, ainda lhes falou largamente até à alvorada; e, assim, partiu. E levaram vivo o jovem, e ficaram não pouco consolados" (At 20.10-12).

Muitos desceram a escada com toda pressa, com graves apreensões no coração, porquanto uma queda daquela altura sem dúvida alguma seria fatal. E os temores tinham base na realidade. Êutico estava realmente morto. Mas Deus devolvera a sua vida. O jovem ressuscitou. Agora, aliviados em seus espíritos, subiram os degraus novamente, para darem continuidade à reunião. A calma e a ordem foram restauradas e a Ceia do Senhor teve início. De volta à normalidade, Paulo prosseguiu com sua fala interminável e incansável. A noite passou em rítimo de celeridade, e não demorou a raiar os primeiros alvores da madrugada.

De acordo com informações contemporâneas, Êutico sentiu-se perfeitamente restaurado e renovado depois do susto. Teve uma nova visão de Cristo e de sua obra. Seguiu o apóstolo e sua comitiva em data posterior. Deus pode fazer o mesmo em favor daqueles que estão olhando em direção oposta à sua obra de missão. Também não se faz necessário que alguém caia e morra, ou que primeiro seja tragado por uma baleia e depois de ser despertado da morte passe a aceitar o plano de Deus em sua vida. Cristo deseja usar a todos antes de uma queda, fracasso ou morte. Dormindo, ou estando mortos, não temos poder de ação; mas o Espírito Santo clama com esta solene voz: "... Desperta, ó tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos, e Cristo te esclarecerá" (Ef 5.14b). Somente acordados e de "olhos bem abertos", veremos os continentes onde estas "terras" estão prontas para a grande conquista de almas que antecede a magnífica colheita: o Arrebatamento da Igreja.

V. Nasceu cego, mas viu o futuro

"Estamos acabando de voltar do especialista de olhos em Boston. Meu filho é cego!", exclamou a Sra. Krents, mãe de Haroldo.

Haroldo nascera cego, mas, a despeito de sua deficiência, ele aprendeu a datilografar, a jogar futebol e a andar de bicicleta. Tocava o segundo violino na orquestra do colégio e era o presidente do grêmio estudantil. Foi aceito na Faculdade de Direito de Harvard e tornou-se estudante destacado. Um mês antes de sua graduação veio um dia em que tudo parecia estar indo errado. Desencorajado, Haroldo saiu para a capela a fim de orar. "Por que eu?" – ele clamava em sua angústia -, "por que isto tinha de acontecer comigo?"

O órgão começou a tocar suavemente e Haroldo soluçou ao pensar em seu futuro sem vista. Subitamente, esse jovem disse: "Tive o sentimento de que Deus estava segurando minha mão, e enchi-me de paz e tranqüilidade".

Desse momento em diante ele sabia que Deus não o estava castigando por qualquer coisa que ele ou alguém tivesse feito de errado. Compreendeu que Deus tinha um propósito para sua vida. Sabia que o Deus, o qual havia estado com ele todos os seus dias escuros, continuaria a guiá-lo e a ajudá-lo. Deus pode, é claro, fazer todas as coisas. Ele

podia curar a cegueira do homem que se sentava à beira do caminho segundo a história bíblica, e o fez. Podia igualmente curar Haroldo Krents, mas não o fez. Com relação a esse jovem, ou como ocorreu com o apóstolo Paulo, Deus escolheu antes tornar suas palavras manifestas dando-lhe coragem para sobrepor seu problema.

Haroldo graduou-se em Harvard. Passou a barreira dos exames e empregou-se num escritório de advocacia em Washington. Uniu-se em matrimônio com uma jovem que costumava ler para ele durante seus anos em Harvard. Seu exemplo tem sido um encorajamento para outros que são portadores de deficiências físicas. Definidamente, a vida teve para ele significado e propósito. Deus tem um propósito para cada um de nós: seja esta pessoa fisicamente perfeita ou não. Os discípulos de Cristo não podiam entender porque aquele homem que fora curado por Jesus, ao se lavar no Siloé, tinha nascido cego, se nem ele e nem seus pais tinham pecado.

Jesus instruiu seus discípulos, dizendo: "Nem ele pecou nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus" (Jo 9.3). Há coisas que são, mas poderiam não ser. Outras existem, mas poderiam não existir. Contudo, em cada ser criado, em cada obra formada, em cada coisa existente, existe, sem dúvida, um propósito de Deus para tal finalidade que nós não o entendemos; mas o Senhor sabe o porque e a finalidade de cada uma delas (cf. Ap 4.11).

VI. Ungindo os olhos com colírio

"... Unjas os teus olhos". Transcrevemos aqui a oração feita por um justo para que Deus guardasse seus olhos da cegueira espiritual:

"Põe colírio nos meus olhos, Senhor (Ap 3.18). Eles são maus; e porque são maus, expõem-me o corpo a trevas mui perigosas (Mt 6.23). Ajuda-me, ó Deus puro e santo, a erguê-los para Cristo Jesus, autor e consumador da fé (Hb 12.2); a pô-los na brancura virginal dos lírios (Mt 6.28); a elevá-los para os montes e depois olhar para o alto donde vem o socorro (Sl 121.1). Não quero apenas ouvir-te a voz, Senhor, mas verte-te (Jó 42.5). E como te verei com estes olhos? Desvia-os da vaidade (Sl 119.37), porque assim eles desfalecem (Sl 119.82). Aponta-me o [tanque de] Siloé (Jo 9.7), em cujas águas possa remover o

todo restaurador dos meus olhos enfermos. Por que hei de prender, apavorado, meus olhos às forças desta vida, se, fitando ao Senhor, posso caminhar sobre ondas revoltas sem perigo de naufragar? (Mt 14. 29). Levanta meus olhos, Senhor, para que eles possam ver 'as terras, que já estão brancas para a ceifa!'. Que consolo há em saber que os teus olhos repousam sobre os justos! (1 Pe 3.12); especialmente, aqueles que não têm olhares altivos".

Se o pastor de Laodicéia tivesse feito essa oração, há muito que teria se arrependido. É sabido, segundo alguns historiadores, que em Laodicéia havia uma Escola de Medicina que fabricava um pó oftalmático. Mas a "Terra Frígia" (cinza da Frígia?) não curava cegueira espiritual da Igreja; porém o "colírio" da graça de Cristo cura qualquer cegueira espiritual. O maior fracasso da visão espiritual sem o colírio da graça divina são os "olhos do malabarismo". Que olhos são estes? São olhos deformados que vêem o que não existe! E no tocante àquilo que existe, são olhos cegos! Somente "olhando para Jesus, o autor e consumador da fé" eles poderão receber a cura que tanto precisam! A seguir, depois de restaurados, poderão ser elevados ao "cume do Pisga do dever espiritual"; e, de lá, "ver toda a terra... até ao mar último" (cf. Dt 34.1,2).

9

Passando à Macedônia

I. Indo para outro lado

Quando Paulo recebeu esta ordem divina para "passar à Macedônia", ele acabara de realizar sua primeira viagem missionária. E tinha, portanto, apenas cumprido um terço de seu ministério. Mas parece que o apóstolo ouvia uma voz que dizia: "Paulo, passa para o outro lado". Ele, então, preparou-se para avançar em direção a novos campos, que ao seu ver já se encontravam brancos para a ceifa; entretanto, ficou por demais surpreso quando recebeu ordem por duas vezes para não avançar, quando intentava ir para a Ásia e Bitínia (At 16.6,7). Após concluir seu trabalho missionário ao lado de Barnabé, Paulo, impelido por suas próprias inclinações, sem dúvida deseja partir agora para os centros populosos, como Éfeso, Esmirna e Sardo, todos os quais contavam com numerosas colônias judaicas.

Posteriormente esse apóstolo trabalhou em Éfeso, mas nessa época de seu intento, essa cidade fazia parte do campo de João (Ap 2.1-11). Quando intentava partir diretamente para a Ásia, o Espírito Santo conferiu alguma forma de orientação divina a Paulo, para que não tentasse desenvolver qualquer esforço evangelístico naquela área, por enquanto. Por quaisquer meios que essa orientação lhe tenha sido dada, ela pareceu perfeitamente clara, e Paulo obedeceu à mesma, confiando na providência divina quanto aos seus planos.

Paulo então empreende um novo esforço e muda de pensamento: "Vou agora para Bitinia". Outra vez ele foi surpreendentemente impedido pelo "Espírito de Jesus", que não lho permitiu. Parecia estranho estes impedimentos na vida e ministério de Paulo. Ele, como os demais apóstolos, tinham recebido ordem de pregar o Evangelho "a toda a criatura" (Mc 16.15); também "a todos os homens, e em todo o lugar" (At 17).

Poder-se-ia perguntar: "Por que o Espírito Santo não permitiu que Paulo e seus companheiros pregassem o Evangelho naquela região?" A resposta que podemos obter neste episódio é que o Espírito Santo desejava que Paulo mudasse de rota; e, ao invés de se dirigir para Ásia, devia seguir agora para a Europa, que já estava madura para receber os labores do grupo missionário; e, em segundo lugar, porque outros instrumentos humanos haveriam de implantar o Evangelho nas regiões norte e oriental da Ásia, sobretudo Pedro e João. Mais adiante, no Novo Testamento, encontramos estes dois apóstolos instalados nestes dois territórios que Paulo desejara ir.

1. *Era campo de Pedro*:

"Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos estrangeiros dispersos no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia" (1 Pe 1.1).

2. *Era campo de João*:

"João, às sete igrejas que estão na Ásia... o que vês, escreve-o num livro, e envia-o às sete igrejas que estão na Ásia: a Éfeso, e a Esmirna, e a Pérgamo, e a Tiatira, e a Sardo, e a Filadelfia, e a Laodicéia" (Ap 1.4,11).

Perplexo, mas não confuso, Paulo e seus companheiros passaram pela Mísia e desceram a Troas. Diante de tal situação, Paulo chegou até pensar e a dizer dentro de seu coração: "Meu ministério terminou! Que pena! Pensei que Deus fosse me usar ainda mais!"

Paulo via diante de si os campos brancos que estavam clamando por ceifeiros. Sabia que tinha talento e que se encontrava em pleno vigor de sua vida; era, portanto, um verdadeiro desperdício se ele ali parasse. Mas não havia saída; as portas estavam fechadas! Voltar e ficar sentado nos bancos da igreja em Jerusalém ou em Antioquia não lhe convinha nem trazia motivação. Ali os espaços estavam ocupados

por outros obreiros de grande erudição e capacidade para o ensino, quase que além da imaginação.

Esta é, sem dúvida, muitas vezes a situação de centenas de obreiros do Senhor. Não devem ficar onde estão, mas não têm para onde ir. Porém, não devemos perder nossa visão e motivação quando nos encontrarmos, por algum motivo, nesta circunstância. Cristo virá ao nosso encontro, como foi ao de Paulo, o qual, quando nada mais esperava, recebeu de Cristo "uma nova visão": A de passar à Macedônia. "E Paulo teve, de noite, uma visão, em que se apresentava um varão da Macedônia e lhe rogava, dizendo: Passa à Macedônia e ajuda-nos" (At 16.9).

O homem da Macedônia empregou o plural para si mesmo. Era um clamor da Europa, que pedia socorro. Muitos eruditos opinam que neste grito por socorro está em foco a "voz de Lucas", que pela primeira vez empregara o pronome "nós", que de agora em diante passará a figurar até a parte final de Atos (16.10-17; 20.5-21; 21.18; 28.1-16). Mas parece que Lucas não nasceu ali. Após ouvir este grito por socorro, Paulo e seus companheiros entenderam que a providência de Deus é suficientemente vigorosa para evitar a possibilidade de um fracasso final. O plano de Deus encerra muitos retrocessos, mas Ele jamais desiste. Seu propósito consiste em preservar a vida: não somente a duração da vida terrena, mas também a sua qualidade e a plenitude espiritual.

II. Por que passar à Macedônia?

Passa à Macedônia". Por quê? Muitas vezes perguntamos ao Senhor, dizendo: "Senhor, porque tenho de passar à Macedônia?" Pois o nosso objetivo não é a Macedônia e, sim, uma outra região ou um outro lugar. Dificilmente a resposta desta pergunta vem de imediato. Deus deixa primeiro que as coisas aconteçam e, sem que Ele nos dê uma palavra de resposta à nossa pergunta, entendemos claramente que nossa ida para a Macedônia (um outro lugar) era sua "... boa, agradável, e perfeita vontade".

A Macedônia era um território centralizado nas planícies adjacentes ao golfo de Tessalônica, que acompanhava os grandes vales dos rios que por ali passavam, até às montanhas dos Bálcãs. Nos remotos

tempos históricos, esse território era dominado por barões cavaleiros sob uma casa real helenizada, monarcas esses que exerceram a hegemonia sobre os negócios gregos desde o século IV a.C. Depois de Alexandre, o Grande, dinastias macedônias governaram os territórios por toda a bacia oriental do mar Mediterrâneo, até que foram avassaladas pelos romanos.

Em 167 a.C. a Macedônia foi dividida em uma série de quatro federações republicanas (ao que talvez faça referência o trecho de Atos 16.12). Posteriormente essas federações caíram sob o domínio romano. A província desse nome abarcava a porção norte da Grécia moderna, desde o mar Adriático até o rio Hebro. Depois de 4 a.C., o procônsul romano passou a residir em Tessalônica, enquanto que a assembléia se reunia em Beréia. Essa provincia incluía seis colônias romanas, uma das quais era Filipos. Paulo obteve um extraordinário sucesso em sua pregação naquela região, e sempre parecia relembrar-se, com prazer, das visitas que ali fizera.

A Macedônia era um mui vasto país da Europa; e anteriormente consistia, conforme nos informa Plinio, em 150 povoados ou nações, e era chamada Ematia; seu nome Macedônia derivou-se de Macedo, filho de Júpiter e de Tida, filha de Deucalião. De conformidade com Ptolomeu, era limitada ao norte pela Dalmácia, pela Mísia superior e pela Trácia e pelos golfos do mar Egeu.

Atualmente esta antiga região é ocupada pela República da Macedônia moderna, que ocupa 39% da chamada Macedônia geográfica, o território conquistado por Alexandre, o Grande, no século IV a.C. Os gregos usam o conceito de Macedônia histórica, referindo-se ao território na época do rei Filipe II, pai de Alexandre, e que coincide com a atual província grega da Macedônia. Várias referências bíblicas mostram-nos que Paulo se relembrava dos crentes da Macedônia com profundo afeto e sempre ansiava por retornar ali.

Foi naquele território que Paulo obteve seus mais retumbantes sucessos e, através de seu ministério, o Cristianismo penetrou na Europa para nunca mais ser expulso dali; desta região, avançou para as américas, em contraste com grande parte do trabalho cristão efetuado na Ásia Menor e em outras regiões.

10

Queria ir para um lugar, mas Deus o enviou a outro

I. A opção deve ser de Deus

Este é um dilema que deve ser analisado neste capítulo. No decorrer da História da Igreja Cristã, desde o século I e através dos séculos que se seguiram, este fato tem acontecido nas vidas de inúmeros missionários. Isto é, de alguém querer ir para uma certa nação e até chegar a se preparar para tal objetivo e, depois de tudo pronto, Deus mostrar uma outra rota completamente diferente. Cremos que o episódio que marcara a vida de Paulo e de seus companheiros serve de jurisprudência para outros acontecimentos semelhantes que viriam depois nas vidas de outros obreiros.

1. *David Livingstone,* citado neste livro, passou por experiência semelhante no início de sua chamada missionária. Ele, desde sua infância, ouvia falar de um missionário valoroso que trabalhava na China, cujo nome era Gutzlaff. Nas suas orações, à noite, ao lado de sua mãe, orava por ele. Com a idade de 16 anos, começou a sentir desejo profundo de fazer conhecido o amor e a graça de Cristo àqueles que jaziam em densas trevas, e resolveu firmemente no coração dar também sua vida, como médico e missionário ao mesmo país, a China. Mas Deus lhe mostrou um outro caminho, após ele ouvir um relatório de um homem, de barba comprida e branca, alto, robusto e de olhos bondosos e penetrantes, chamado Roberto Moffat.

Este velho pioneiro mostrou-lhe a grande necessidade que a África tinha de missões. David, após ouvir e considerar esta necessidade tão urgente da obra de Cristo para aquele continente, esqueceu a China e colocou seu coração na África. E para lá foi! Ao chegar ali, realizou um obra que imortalizou o seu nome.

2. *Gunnar Vingren.* Após terminar seus estudos teológicos, nos Estados Unidos da América, foi pastor da Primeira Igreja Batista em Menominee, Michigan, de junho de 1909 a fevereiro de 1910. Nessa época ele participou da convenção geral dos batistas americanos e então foi decidido que ele seria enviado como missionário à Assam, na Índia, juntamente com sua noiva. Até este tempo, ele mesmo declara:

"Eu estava convencido de que isto era a vontade de Deus para minha vida, que eu fosse enviado como missionário pela The Northern Baptist Convention [Convenção Batista do Norte] para a Índia. Porém, durante a convenção, Deus mostrou-me que não era essa a sua vontade. Uma semana depois de voltar para a minha Igreja, tive uma luta tremenda, e, por fim, resolvi não seguir aquele caminho. Escrevi para a convenção e comuniquei a minha resolução. Por este motivo a minha noiva rompeu comigo, e, quando recebi a sua carta, lhe respondi dizendo: Seja feita a vontade do Senhor".

Depois disto, Deus manifestou sua vontade para sua vida. Mais tarde, uma irmã que possuía o dom de interpretar línguas foi usada pelo Senhor, o qual lhe disse que ele seria enviado ao campo missionário, mas somente depois de haver sido revestido de poder. Não muito depois destes dias, Deus mostrara também o lugar para onde ele e seu amigo, Daniel Berg, deveriam seguir: Era o Estado do Pará, no Brasil.

3. *Jonas*, filho de Amitai, um dos profetas do Antigo Testamento. Sua história foi o inverso da história daqueles que acabamos de contar. Em seu caso, Deus queria enviá-lo para uma nação, e Jonas queria ir, e foi, para outra. Sua história, seus fracassos e seus sucessos começam assim:

"E veio a palavra do Senhor a Jonas, filho de Amitai, dizendo: Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive, e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até mim. E Jonas se levantou para fugir de diante da face do Senhor para Tarsis" (Jn 1.1,2).

Jonas foi um profeta de grande poder no Antigo Testamento. Seu pai era também profeta e ele recebeu de Deus o mesmo ofício, durante o reinado de Jeroboão II, rei de Israel. Um dia, Jonas recebeu uma mensagem de Deus que o deixou atônito: pregar que a cidade de Nínive, capital assíria, seria destruída em poucos dias. Alguns rabinos dizem que ele foi discípulo do profeta Elias, e que terminara seu aprendizado profético com Eliseu. O motivo de sua fuga para Tarsis teria sido pelo temor de posteriormente ser considerado um falso profeta.

Anteriormente ao mandato divino de ir para Nínive, Jonas fora enviado numa missão similar a Jerusalém, a qual imediatamente se arrependeu ouvindo as suas palavras. Como Jerusalém escapasse à condenação que Jonas ameaçou que viria, foi injustamente julgado por alguns como um falso profeta; quando chegou a ordem de ir para Nínive, Jonas temeu ser considerado outra vez um falso profeta. Por esta razão tentou fugir para Tarsis.

No capítulo 4.1,2, ele alega mais ou menos isso. Está narrado assim: "Mas desgostou-se Jonas extremamente disso e ficou todo ressentido. E orou ao Senhor e disse: Ah! Senhor! não foi isso o que eu disse, estando ainda na minha terra? Por isso, me preveni, fugindo para Tarsis, pois sabia que és Deus piedoso e misericordioso, longânimo e grande em benignidade, e que te arrependes do mal".

O desgosto de Jonas foi o não cumprimento de sua palavra, conforme podemos observar em outra seção de seu livro. O rei de Nínive, Adade-Merare, sucessor de Salmanasar II, fez a seguinte indagação quando ouviu a mensagem divina proclamada por Jonas: "Quem sabe se se voltará Deus, e se arrependerá, e se apartará do furor da sua ira, de sorte que não pereçamos? E Deus viu as obras deles, como se converteram do seu mau caminho; e Deus se arrependeu do mal que tinha dito lhes faria, e não o fez" (Jn 3.9,10).

A atitude de Jonas, de fugir para Tarsis, era completamente o oposto da vontade de Deus. Numa posição geográfica feita em sentido popular, Deus o mandara para o lado que "nasce o sol" (o leste); Jonas teria fugido para o lado "do pôr-do-sol" (o oeste). Se o lugar para onde Jonas desejava ir era a ilha da Cicília, de fato, era completamente o oposto para onde Deus o mandara.

Flávio Josefo, escritor e historiador judeu, identifica "Társis" como a Cicília. Ele diz: "Társis deu seu nome aos tarsianos, que hoje são os cicilianos, cuja principal cidade ainda hoje se chama Tarso". Outros eruditos procuram identificar Társis numa outra região, dizendo que se refere a Tartesso, cidade da Espanha ou Cartago. Alguns quiseram identificá-la com a lendária Atlântida aludida em alguns dos escritos de Platão.

[O filósofo grego Platão foi o maior responsável pela fama do continente perdido chamado Atlântida. Ele descreveu detalhadamente uma grande ilha no Oceano a oeste do Estreito de Gibraltar – que separa a Espanha do Marrocos. Segundo ele, lá vivia um povo civilizado e empreendedor, que usava a irrigação e tinha perícia no comércio. Atlântida teria sido submergida, tendo desaparecido de um dia para o outro].

Baseados nestes escritos de Platão, muitos escritores chegaram a sugerir que Társis, para onde Jonas fugiu, tratava-se desse continente chamado Atlântida. Outros opinam por Tartesso, provavelmente situada na foz do Guadalquivir, fundada pelos fenícios e tinha ricas jazidas de minerais nas circunvizinhanças.

II. As alegações do profeta

As alegações de Jonas podem ter sido também outras, além daquelas que ele mesmo mencionou; mas a sua queixa diante de Deus fora baseada em [contra] cinco atributos naturais e morais de Deus: piedade, misericórdia, longanimidade, benignidade e arrependimento.

Contudo, Deus convenceu o seu servo, por meio de uma parábola, de que esta maneira de proceder jamais contrariaria seus atributos divinos.

Assim está escrito: "E fez o SENHOR Deus nascer uma aboboreira, que subiu por cima de Jonas, para que fizesse sombra sobre sua cabeça, a fim de o livrar do seu enfado; e Jonas se alegrou em extremo por causa da aboboreira. Mas Deus enviou um bicho, no dia seguinte, ao subir da alva, o qual feriu a aboboreira, e esta se secou. E aconteceu que, aparecendo o sol, Deus mandou um vento calmoso, oriental, e o sol feriu a cabeça de Jonas e ele desmaiou, e desejou com toda a sua alma morrer, dizendo: Melhor me é morrer do que viver. Então, disse Deus a Jonas: É acaso razoável que assim te enfades por causa da

aboboreira? E ele disse: É justo que me enfade ao ponto de desejar a morte. E disse o SENHOR: Tiveste compaixão da aboboreira, na qual não trabalhaste, nem a fizeste crescer; que, em uma noite, nasceu e, em uma noite, pereceu; e não hei de eu ter compaixão da grande cidade de Nínive, em que estão mais de cento e vinte mil homens, que não sabem discernir entre a sua mão direita e a sua mão esquerda, e também muitos animais?" (Jn 4.6-11).

Deus mostrou ao seu servo que Ele é o Criador de todas as coisas e o Arquiteto do Universo. Seu prazer é construir, e não destruir; sua vontade é que os seres humanos tenham vida humana e espiritual. Jonas aprendeu depois destas lições divinas que fazer a vontade de Deus em sentido voluntário é algo que agrada muito ao Senhor. E, semelhantemente, foi esta grande bondade de Deus que o livrara da morte [ou até mesmo o levantara da morte] quando ele se encontrava "no profundo, no coração dos mares".

A terceira petição do "Pai Nosso" fala da vontade de Deus como algo sublime para o Céu e a Terra. Nem sempre [quase sempre] esta perfeita vontade de Deus está de acordo com a nossa própria vontade. Mas para o nosso bem e muitas vezes para o bem dos demais, a de Deus é que deve ser seguida e não a nossa.

11

O mundo e suas necessidades

I. Evangelizemos os povos

Neste capítulo, mostraremos ao leitor um resumo dos continentes, suas populações, seus dialetos, línguas e etnias. De acordo com dados fornecidos pela ONU (Organização das Nações Unidas), existem atualmente 192 países e 54 territórios. Neles se movimenta uma população de quase 6 bilhões de pessoas [5,8 bilhões em 1996]; a ONU estima entre 7,10 a 7,83 bilhões o número de habitantes do mundo em 2015. A infra-estrutura mundial tem capacidade apenas para *um* bilhão. Os outros *cinco* bilhões vivem sem as condições adequadas de vida.

Aqui, portanto, surge a grande necessidade de que Cristo seja levado a estas pessoas e passe fazer parte integrante de suas vidas. Somente Ele, que é o Senhor de todos, tem e oferece condições para todos. Ele disse: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei" (Mt 11. 28). Através deste capítulo, iremos observar a extensão do mundo, suas dificuldades e suas necessidades.Mas ele deve ser alcançado pela poderosa mensagem do Evangelho de Cristo que é o poder de Deus; as dificuldades também serão superadas e as necessidades supridas.

No início da história humana não existiam as divisões geográficas que há hoje. Também as pessoas passaram a habitar uma mesma região e falavam todos uma só língua. A Bíblia diz que "... era toda a terra duma mesma língua, e duma mesma fala" (Gn 11.1). Não existia, portanto, nem uma outra língua e nem um outro dialeto. Mas a rebeldia dos homens em se opor contra Deus e seu plano divino de povoar a Terra, levou-os a edificar uma cidade e uma torre, chamada de Babel, cujo nome quer dizer "confusão", na planície de Sinear, com o objetivo de não serem "... espalhados sobre a face da terra".

Isso fez com que o Senhor confundisse ali a "... sua língua, para que não entenda (entendesse) um a língua do outro... Por isso, se chamou o seu nome Babel, porquanto ali confundiu o SENHOR a língua de toda a terra e dali os espalhou o SENHOR sobre a face de toda a terra" (Gn 11.1-9).

Flávio Josefo, escritor e historiador judeu que viveu entre 37 e 103 d.C., diz: "Esta diversidade de línguas obrigou a multidão quase que infinita desse povo a se dividir em diversas colônias, segundo Deus os levava, por sua providência. Assim, não somente o meio da terra, mas as margens do mar encheram-se de habitantes; houve mesmo daqueles que embarcaram em embarcações construídas a seu modo e passaram às ilhas. Algumas dessas nações conservam ainda os nomes que aqueles que lhe deram origem lhes haviam posto; outras os nomes mudaram e outras, enfim, receberam nomes que eram do agrado daqueles que vinham se estabelecer em seus país, em vez de nomes bárbaros que antes tinham. Os gregos foram os principais autores dessa mudança. Pois, tendo-se tornado senhores de todos esses países, deram nomes e impuseram leis como quiseram aos povos que tinham submetido, usurpando, assim, a glória de passar por seus fundadores".

1. ***O continente africano***

África: É o terceiro maior continente do mundo. Possui uma área de 30.270.643 km^2, inferior somente ao da América e ao da Ásia. É banhado a oeste pelo Oceano Atlântico; a leste pelo mar Vermelho e o Oceano Índico; ao norte pelo mar Mediterrâneo e ao sul pelos oceanos Atlântico e Índico. A população da África hoje é calculada em 747,9 milhões de habitantes.

a. *Seu nome*: O nome África deriva de *avringa* ou *afri*, tribo berbere que na antigüidade habitava o norte do continente. O nome começou a

ser usado pelos romanos a partir da conquista de Cartago para designar províncias a noroeste do mediterrâneo africano (atuais Tunísia e Argélia). No século XVI, o nome generalizou-se para todo o continente.

b. *Número de países* – 53: África do Sul, Angola, Argélia, Berim, Botsuana, Burkina, Burundi, Cabo verde, Camarões, Chades, Congo, Costa do Marfim, Djibuti, Egito, Eritréia, Etiópia, Gabão, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné Equatorial, Guiné-Bissau, Ilhas Comores, Lesoto, Libéria, Líbia, Madagascar, Malavi, Mali, Marrocos, Maurício, Mauritânia, Moçambique, Namíbia, Níger, Nigéria, Quênia, Rebública Centro-Africana, Ruanda, São Tomé e Príncipe, Senegal, Serra Leoa, Seychelles, Somália, Suazilândia, Sudão, Tanzânia, Togo, Tunísia, Uganda, Zaire, Zâmbia e Zimbábue.

2. ***O continente americano***

América: É o segundo maior continente do mundo. Ele totaliza 42.042.070,20 km² e designa a porção de terras do hemisfério ocidental divididas em América do Norte, América Central e América do Sul. Sua população total é a segunda maior do mundo, com 781,9 milhões de habitantes.

a. *América do Norte* compreende uma área de 23.533.325,00 km² (incluindo Groenlândia e Bafftim). Limita-se ao norte pelo Oceano Ártico; ao sul pelo mar do Caribe, América Central e o Oceano Pacífico; a leste pelo Oceano Atlântico; e a oeste pelo Oceano Pacífico. A região possui 391.1 milhões de habitantes.

b. *América Central*, que totaliza 742.266,70 km², abrange as nações do mar do Caribe e os países do istmo [estreita faixa de terra que liga dois continentes ou uma península ao continente] que une a América do Norte à América do Sul e separa o mar do Caribe do Oceano Pacífico. Sua população é de 65,9 milhões de habitantes.

c. *América do Sul* possui 17.766.478,50 km² e é banhada ao norte e noroeste pelo mar do Caribe; a nordeste, sudeste e leste pelo Oceano Atlântico; e a oeste pelo Oceano Pacífico. Separa-se da Antártica pelo Estreito de Drake e une-se à América Central pelo istmo do Panamá. A população da região totaliza 324,9 milhões de habitantes.

Seu nome: A origem do nome América deriva do prenome de Américo Vespúcio, navegante italiano que chegou pela primeira vez no continente no fim do século XV.

Número de países – 35, assim divididos:

América do Norte: [3 países]: Canadá, Estados Unidos e México.

América Central: [20 países]: Antígua e Barbuda, Bahamas, Barbados, Belizes, Costa Rica, Cuba, Dominica, El Salvador, Granada, Guatemala, Haiti, Honduras, Jamaica, Nicarágua, Panamá, República Dominicana, Santa Lúcia, São Cristovão e Névis, São Vicente e Granadinas, Trinidad e Tobago.

América do Sul: [12 países]: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela.

3. ***O continente antártico***

Antártica: É o quinto maior continente do mundo, com uma área de 14.108.000 km^2. Durante o inverno a Antártica duplica a sua extensão, devido ao congelamento da superfície do oceano. O continente abriga o pólo geográfico sul do planeta, a 90º de latitude Sul e o pólo magnético, cuja localização não é fixa. É cercado pelas águas confluentes dos oceanos Pacífico, Atlântico e Índico. A Antártica não possui moradores permanentes: a presença humana na região restringe-se às equipes de pesquisa.

a. *Seu nome:* A origem do nome vem da palavra grega áktos (ursa), usada pelos astrônomos da antigüidade, para designar as constelações da Ursa Maior e Menor, pontos de orientação para os navegadores. Posteriormente os romanos passam a utilizar o termo *articus* como sinônimo de norte ou setentrional. No século II d.C., surge o termo *antarcticus*, que denomina a região sul ou meridional.

b. *Número de países:* 25 países possuem base de pesquisa científica no continente: África do Sul, Alemanha, Argentina, Austrália, Brasil (com a estação Comandante Ferraz, nas ilhas Shetland do Sul), Chile, China, Coréia do Sul, Equador, Espanha, EUA, Rússia, Finlândia, França, Índia, Itália, Japão, Nova Zelândia, Noruega, Paquistão, Peru, Polônia, Reino Unido, Suécia e Uruguai. Futuramente outras nações, acredita-se, se instalarão ali.

Atualmente o inglês é o principal idioma da comunicação mundial, sendo usado na diplomacia, na economia, no turismo, na informática, entre outros setores. Acredita-se que na Antártica, dado

o grau elevado de instrução das equipes que lá atuam, todos (com exceção da língua materna de cada um) falam inglês).

4. ***O continente asiático***

Ásia: É o maior continente do mundo. Sua extensão, de 44.429.857 km² (incluindo as partes asiáticas da Federação Russa e da Turquia), corresponde a cerca de 30% da superfície terrestre. É limitada ao norte pelo Oceano Ártico; a leste pelo Oceano Pacífico; ao sul pelo Oceano Índico; a sudoeste pelos mares Vermelho e Mediterrâneo e a oeste pela Europa, com a qual forma uma porção contínua de terras. A fronteira convencional com a Europa compreende os montes Urais, o rio Ural, o mar Cáspio, a cadeia de montanhas do Cáucaso e o mar Negro. O continente está ligado à África pelo istmo de Suez e separa-se da América pelo Estreito de Bering.

Seu território concentra atualmente a maior população do mundo: possui 3.506,2 bilhões de pessoas (incluindo a população das partes asiáticas da Rússia e da Turquia).

a. *Seu nome:* O nome Ásia deriva de *Asswa* e *Iasia*, como os hititas e egípcios chamavam a costa ocidental e regiões meridionais da Ásia Menor, no segundo milênio a.C. Na mitologia grega, é uma das filhas dos deuses Oceano e Tétis, e irmã de Europa. Alguns pesquisadores relacionam o nome com a raiz semítica das palavras *esch* ou *ushos*, que significa lugar onde o Sol nasce.

b. *Número de países* – 45: Afeganistão, Arábia Saudita, Bangladessh, Barein, Brunei, Butão, Camboja, Catar, Cazaquistão, China, Cingapura, Coréia do Norte, Coréia do Sul, Emirados Árabes Unidos, parte asiática da Rússia, Filipinas, Formosa, Iêmen, Índia, Indonésia, Irã, Iraque, Israel, Japão, Jordânia, Kuweit, Laos, Líbano, Omã, Palestina, Paquistão, Quirguízia, Síria, Sri Lanka, Tadjiquistão, Tailândia, Turcomênia, parte asiática da Turquia, Uzbequistão e Vietnã.

5. ***O continente europeu***

A Europa: É o segundo menor continente do mundo, com uma área de 10.141.912,89 km², incluindo as partes européias da Rússia e da Turquia. É banhado ao norte pelo Oceano Ártico; a oeste pelo Oceano Atlântico e ao sul pelo mar Mediterrâneo. A fronteira convencional da Europa com a Ásia – os dois continentes pertencem a uma mesma por-

ção de terras denominada Eurásia – compreende os montes Urais, o rio Ural, o Mar cáspio, a cadeia de montanhas do Cáucaso e o mar Negro. Sua população totaliza 745,4 milhões de habitantes.

Seu nome: O nome era usado no século IX e VIII a.C. para designar a parte continental oeste da Grécia. Na mitologia grega, é irmã de Ásia e uma das filhas dos deuses Oceano e Tétis. Para alguns pesquisadores, o nome Europa deriva da palavra *ereb*, que pertence às línguas semíticas e significa região onde o Sol se põe.

Numero de países – 48: Albânia, Alemanha, Andorra, Armênia, Áustria, Azerbaijão, Belarus, Bélgica, Bósnia-Herzegóvina, Bulgária, Chipre, Croácia, Dinamarca, Eslováquia, Espanha, Estônia, parte européia da Rússia, Finlândia, França, Geórgia, Grécia, Holanda, Hungria, Irlanda, Islândia, Itália, Iugoslávia, Letônia, Liechtenstein, Lituânia, Luxemburgo, Macedônia, Malta, Moldávia, Mônaco, Noruega, Polônia, Portugal, Reino Unido [Inglaterra], República Tcheca, Romênia, San Marino, Suécia, Suíça, parte européia da Turquia, Ucrânia e Vaticano.

6. ***A Oceania***

Oceania: O continente é formado pela Austrália (cujo nome muitas vezes é utilizado para indicar todo continente), Papua Nova Guiné, Nova Zelândia e um grande número de ilhas e arquipélagos dispersos pelo Oceano Pacífico, por convenção agrupados em Melanésia, Micronésia e Polinésia. A área total de sua superfície terrestre, de 8.462.100,47 km² [equivalente ao Brasil], é o menor de todos os continentes. Sua população, totaliza atualmente 28,7 milhões de habitantes.

Seu nome: A origem do nome deriva de Oceano, deus do mar na mitologia grega. O uso da palavra é atribuído ao naturalista francês René Primevére Lessona (1794-1848).

Número de países - 14: Austrália, Fiji, Ilhas Marsahll, Ilhas Salomão, Kiribati, Micronésia, Nauru, Nova Zelândia, Palau, Papua Nova Guiné, Samoa Ocidental, Tonga, Tuvalu, Vanuatu. [Veja o mapa deste continente].

Territórios. Dentro das dimensões geográficas dos continentes acima mencionados, encontram-se cerca de 54 territórios ou departamentos de ultramar, pertencentes a várias nações.

De acordo com as informações de 1996, são eles: Anguillla, Antilhas Holandesas, Aruba, Atol Johnston, Bermudas, Ceuta e Melilla, Dependência de Ross, Gibraltar, Groenlância, Guiana Francesa, Guam, Guadalupe, Hong Kong, Ilhas Aland, Ilhas Christmas, Ilhas Cayman, Ilhas Cocos, Ilhas Faroe, Ilhas Kook, Ilhas Midway, Ilha Wake, Ilhas Virgens Americanas, Ilhas Virgens Britrânicas, Ilhas Wallis e Futuna, Ilhas do Canal, Ilhas Geôrgia e Sandwich do Sul, Ilha de Man, Ilhas Pitcairn, Ilhas Turks e Caicos, Ilhas Marinas do Norte, Jan Mayen, Macau, Malvinas, Martinica, Mayotte, Montserrat, Niue, Nova Caledônia, Norfolt, Polinésia Francesa, Porto Rico, Toquelau, Reunião, Saint-Pierre e Miquelon, Samoa Americana, Santa Helena, Svalbard, Terras Austrais e Antárticas da França, Território Antártico da Austrália, Territórios Antárticos da Noruega, Território Antártico do Reino, Território Britânico do Oceano Índico.

II. Nativos através do mundo

O mundo humano é composto de diversas famílias e etnias que, segundo a Bíblia, partiram de um só tronco: Adão e sua mulher (At 17.26). Cada continente que ia sendo descoberto e ocupado pela presença do homem branco [assim chamado pelos primitivos habitantes daquelas localidades], nele já existiam habitantes primitivos. No Brasil, por exemplo, quando os europeus chegaram, encontraram uma população indígena estimada em três milhões de indígenas. São considerados de origem asiática os índios americanos. Quando chegaram à América, os europeus encontraram estas terras habitadas por seres humanos.

Por pensarem que haviam chegado às Índias, deram a esses habitantes o nome de índios, denominação que permaneceu mesmo depois de percebido o engano. Em outros países, usa-se mais o adjetivo "nativo" para designar seus primitivos habitantes. Na Oceania, conservou-se mais o apelativo *aborígenes* com relação aos seus primitivos habitantes. A hipótese mais aceita é que os primeiros habitantes das Américas tenham vindo da Ásia e atravessado o estreito de Bering, a Noroeste da América do Norte que separa os Estados Unidos através do Alasca com a Rússia. Quando atravessavam o Estreito de Bering, estes, agru-

pados por famílias da língua que falavam, seguiam pelo menos três rotas e pela ordem se organizaram assim:

· *Rota 1:* Região dos grandes lagos: Estados Unidos da América;

· *Rota 2:* Região central: México, América Central e do Sul;

· *Rota 3:* Seguindo para a região Sul: México (os Astecas), América Central (os Maias) e América do Sul (Os Incas).

Os últimos grupos migratórios foram os dos esquimós, que se estabeleceram na região mais setentrional do continente americano. Os pesquisadores opinam que estes nativos são de procedência de alguns ramos mongolóides:

a. *Os mongolóides clássicos*: um número indeterminado de grupos étnicos nas populações mais antigas do Tibete, da China, das Coréias, do Japão e da Sibéria, incluindo tribos como a dos buriatos, a leste e a oeste do Lago Basical; a dos coriaques do norte da Sibéria; a dos giliaques da extremidade mais setentrional de Secalina e no continente ao norte do estuário do Amur (que parecem ter-se misturado com os ainos); e a dos goldias no Amur inferior e em Ussuri.

b. *Os mongolóides árticos*: grupos étnicos – especificação: Esquimós, no extremo do nordeste da Ásia, na costa ártica da América do Norte, na Groenlândia. O tipo inclui os aleútes das Ilhas Aleutinas e os Chukchis da costa do nordeste da Sibéria. Evenques ou tungus verdadeiros (americanóides): Mongólia, Sibéria, serranias asiáticas ao norte dos Himaláias. Camechadais – Camecháteca; Samoiedos: Península – de Cola, mar Branco e regiões do Ieniesi.

c. *Os mongolóides do extremo nordeste do continente asiático*: São os paleoasiáticos, considerados como o complexo das antigas populações da Ásia, que migraram cedo para essa extrema região periférica.

As populações que se acredita hajam migrado mais tarde para o nordeste do continente asiático são consideradas como os neoasiáticos.

Os Paleoasiáticos: especificação geral: Chukchis, coriaques, comechadais, giliaques, esquimós, aleútes, iucagires, chuvantsis, ostiagues do Ienisei, Ainos. Neo-asiáticos: tribos fínicas, samoiédicas, turcas, incluindo os iacutos, mongólicos; tungústicas.

Índios americanos: grupos étnicos – especificação geral: Um nú-

mero indeterminado de grupos étnicos da América do Norte, da América Central e da América do Sul.

Índio-malaios: grupos étnicos – especificação geral: Indonésia: China do Sul, Indochina, Birmânia [atual Mianmá], Tailândia, Interior do Arquipélago Malaio.

Malaio: em adição à distribuição Indonésia, Peninsula Malaia, Índias Orientais Holandesas, Filipinas, Oquinava e ilhas adjacentes. Há, portanto, a possibilidade de que alguns grupos mongóis tenham imigrado através do Estuário de Amur até as costas do Pacífico e de lá tenham seguido para o Estreito de Bering, instalando-se no Alasca e na parte setentrional dos Estados Unidos.

12

Línguas e dialetos: um desafio para missões

I. O grande desafio a ser vencido

Hoje há aproximadamente 2.800 línguas no mundo, segundo a Academia Francesa de Letras. A esse número juntam-se os dialetos – variações regionais de uma língua quanto à pronuncia e ao vocábulo – estimados entre 7 e 8 mil. Apesar da enorme quantidade de idiomas existentes hoje, os lingüistas avaliam que a tendência predominante tem sido a de grandes contigentes populacionais falarem um número cada vez mais reduzido de línguas. Dados fornecidos em 1993 pela Universidade de Washington dão conta que as dez línguas mais faladas do mundo cobrem cerca de três quintos da população mundial. São elas:

Primeira: Mandarim: 952 milhões na China;
Segunda: Inglês: 470 milhões
Terceira: Hindi: 418 milhões
Quarta: Espanhol: 381 milhões
Quinta: Russo: 288 milhões
Sexta: Árabe: 219 milhões
Sétima: Bengali: 196 milhões

Oitava: Português: 182 milhões
Nona: Indonésio: 155 milhões
Décima: Japonês: 126 milhões.

Estas línguas acima mencionadas não causam tanto obstáculo no processo de evangelização. São línguas de grande poder comercial e por esta razão são faladas em muitas partes do mundo. Um dos maiores obstáculos na evangelização do mundo, entretanto, tem sido o de conduzir a mensagem do Evangelho aos povos de línguas específicas, isto é, apenas que se destinam para os grupos étnicos, onde apenas são usados dialetos locais, regionais e tribais.

Por exemplo: somente no *Brasil,* a Funai registra a existência de 206 povos indígenas que falam 170 línguas diferentes.

A Nova Zelândia e uma larga área que vai de Madagascar às Ilhas da Páscoa e Formosa. Divide-se em quatro famílias: a *Melanésia*, com cerca de 35 línguas; a *Polinésia*, com 20 línguas; a *Micronésia*, com 8 línguas; e a *Indonésia,* o maior arquipélago do planeta, com 17.500 ilhas espalhadas ao longo de 5.000 km no nordeste do Oceano Índico; têm cerca de 300 grupos étnicos e mais de 500 línguas e dialetos.

O número de línguas e dialetos pertencentes ao tronco africano, que abrange esse continente, varia de 700 a 2.000. A imprecisão das estimativas deve-se ao fato de muitas delas ainda não terem sido identificadas e classificadas. As principais famílias são a sudanês-guineense, com 261 línguas (algumas já extintas).

A Rússia é o maior país do mundo em extensão territorial. Os russos propriamente dito são 80% da população; os 20% restantes são compostos de 80 etnias distribuídas pelas 32 regiões da Federação. Essas etnias, cada uma com seus dialetos, formam grandes dificuldades para uma missão completa evangelizadora; mas elas devem ser alcançadas pelos métodos de Deus.

As línguas nativas de maior expressão, devido ao grande números de falantes, encontram-se na Costa do Marfim: 80 línguas e dialetos; e em Camarões: 250 línguas e dialetos.

Na Papua Nova Guiné, além do inglês, há cerca de 740 línguas e dialetos no país.

As Filipinas, com suas 7.107 ilhas, além do filipino, do inglês e do espanhol, possuem quase 1.000 línguas e dialetos.

O tronco ameríndio compreende a enorme quantidade de famílias lingüísticas que ocupavam o continente americano antes de sua colonização pelos europeus. As principais famílias na América do Norte são a algonquino (com 51 línguas), a hoka (42 línguas), a asteca (65 línguas) e a na-dene (47 línguas). Na América Central destaca-se a família maia (27 línguas). Na América do Sul as famílias predominantes são a araruaque (130 línguas), a chibcha (73 línguas), a caraíba (74 línguas), a tupi-guarani (68 línguas) e a jê (50 línguas). Assim como o Brasil e outras nações que citamos são apenas protótipos de muitos outros países do mundo: existem línguas e dialetos espalhados para todos os lados.

Somente podemos alcançar essas gentes usando os meios que Deus colocou à nossa disposição. Alguns deles dizem respeito aos idiomas predominantes na atualidade. As línguas oficiais da maioria destes países não são as nativas, mas sim as dos colonizadores, principalmente o inglês, o francês e o espanhol. É necessário, portanto, que o missionário moderno domine um destes idiomas, além de sua língua materna. Não queremos dizer com isso que os candidatos à missão sejam forçosamente levados a aprender somente uma destas três línguas. Não! Não é isso que estamos sugerindo aqui. Deus não está sujeito a este ou aquele nosso método. Ele faz da melhor maneira que lhe apraz, e pode orientar seus filhos a se prepararem nesse ou naquele idioma. Entretanto, são vários os países no mundo que falam atualmente essas três línguas que mencionamos acima. E elas estão presentes em quase todos os seguimentos da sociedade moderna.

Se o candidato [ou candidata] à missão já domina uma destas línguas que citamos, significa um avanço em seu ministério. Para que haja uma melhor compreensão do significado do pensamento, citaremos estes países abaixo, usando as letras [I] para o inglês; [F] para o francês; e [E] para o espanhol. Algumas destas línguas são usadas ocupando o primeiro lugar; outras, o segundo e sussessivamente. Mas aparecem fazendo parte do uso falante deste ou daquele país:

A
África do Sul [I]
Andorra [F, E]
Antígua e Barbuda [I]
Argélia [F]
Austrália [I]
B
Bahamas [I]
Barbados [I]
Barein [I]
Bélgica [F]
Belize [I]
Benin [F]
Bolívia [E]
Botsuana [I]
Brunei [I]
Burkina Fasso [F]
Burundi [F]
C
Camarões [I, F]
Canadá [I, F]
Catar [I]
Chade [I]
Chile [E]
Cingapura [I]
Comores [F]
Congo [F]
Costa do Marfim [F]
Costa Rica [E]
Cuba [E]
D
Djibuti [F]
Dominica [I, F]
E
Egito [I, F]
El Salvador [E]
Emirados Árabes Unidos [I]
Equador [E]
Eritréia [I]
Espanha [E]
Estados Unidos [I, E]
Etiópia [I]
F
Fiji [I]
Filipinas [E, I]
França [F]
G
Gabão [F]
Gâmbia [I]
Gana [I]
Granada [I, F]
Guatemala [E]
Guiana [I]
Guiné [F]
Guiné Equatorial [F, I]
H
Haiti [F]
I
Ilhas Marshall [I]
Ilhas Salomão [I]
Índia [I]
Irlanda [I]
Itália [F]
J
Jamaica [I]
K
Kiribati [I]
Kuweit [I]
L
Laos [F]
Lesoto [I]
Líbano [F]
Libéria [I]
Líbia [I]
Luxemburgo [F]
M
Madagascar [F]
Malásia [I]
Malaví [I]
Mali [F]
Malta [I]
Marrocos [F]
Maurício [F, I]
Mauritânia [F]
México [E]
Micronésia [I]
Mônaco [F, I]
N
Namíbia [I]
Nauru [I]
Nicarágua [E]
Niger [F]
Nigéria [I]
Nova Zelandia [I]
O
Omã [I]
P
Palau [I]
Panamá [E, I]
Papua Nova Guiné [I]
Paquistão [I]
Paraguai [E]
Peru [E]
Q
Quênia [I]
R
Reino Unido [I]
República Centro-Africana [F]
República Dominicana [E]
S
Samoa Ocidental [I]
Santa Lúcia [F, I]
São Cristovão e Névis [I]
São Vicente Granadinas [I]
Senegal [F]
Serra Leoa [I]
Seychelles [F, I]
Somália [I]
Sri Lanka [I]
Suazilândia [I]
Sudão [I]
Suíça [F]
Suriname [F, I]
T
Tanzânia [I]
Togo [F]
Tonga [I]
Trinidad Tobago [E, F, I]
Tunísia [F]
Tuvalu [I]
U
Uganda [I]
Uruguai [E]
V
Vanuatu [F, I]
Venezuela[E]
Z
Zaire [F]
Zâmbia [I]
Zimbábue[I]

Além destas nações mencionadas, existem vários territórios, estados independentes e departamentos de ultramar que falam também estes mesmos idiomas, sistematicamente implantados pela colonização.

O português. Segundo dados da Universidade de Washington, o português era, em 1993, a oitava língua mais falada do mundo, com um total de 182 milhões de falantes espalhados pelos continentes americanos, europeu, africano e asiático. Em 1996 foi criada a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CLP), formada por Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe, com o objetivo de preservar e expandir este idioma pelo mundo. Desde 1986, o português tornou-se uma das línguas oficiais da Comunidade Econômica Européia (CEE – chamada de UE em 1993, quando o Tratado de Maastricht entrou em vigor). Na Ásia onde o português sobrevive na sua forma oficial é em Goa, Índia, mas está sendo gradualmente substituído pelo inglês. Em Damão e Diu (Índia), Java (Indonésia), Macau (China), Sri Lanka e Málaca (Malásia) são faladas variedades de crioulo, idiomas que resultam da interação do português com as línguas locais. Essas regiões mantêm do português basicamente o vocabulário, diferindo muito no aspecto gramatical.

II. Usando os métodos de Deus

Usando os métodos de Deus e sua sábia orientação, podemos alcançar estas nações em sua primeira língua [oficial] e elas alcançarão outras etnias que são partes integrantes de suas comunidades em seu segundo idioma, ou seja, seus dialetos. As peregrinações, o cativeiro egípcio e as dispersões de que foram vítimas os judeus trouxeram para eles ao mesmo tempo uma infinidade de línguas e dialetos para seu acervo cultural; o que facilitou bastante aos primeiros pregadores dos dias apostólicos na divulgação das boas novas do reino.

Ainda hoje o povo judeu é quem mais línguas fala no mundo. Existem além das línguas e dialetos destas gentes, outras dificuldades a serem vencidas. Mas Cristo, que mandou pregar seu Evangelho "a toda a criatura" e a "todos os homens, e em todo o lugar", nos dará poder e sabedoria para superar a tudo e a todos.

A Igreja deve se levantar para escrever seu último capítulo aqui neste mundo: o da evangelização de todas as nações. Lutamos contra trevas e a ignorância espiritual; não contra a carne e o sangue, mas contra as forças espirituais da maldade. Elas só poderão ser enfrentadas por uma força maior e superior: o Espírito Santo. Deus nos garantirá a vitória, porque dEle é "... tanto o querer como o efetuar" (Fp 2.13); e, além do mais, Paulo afirma que "... as armas da nossa milícia não são carnais, mas sim poderosas em Deus, para destruição das fortalezas; destruindo os conselhos e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus e levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo" (2 Co 10.4,5).

Aqui termino! Toda minha gratidão a Deus porque Ele merece! Agradeço de coração aos meus irmãos e amigos por excelência que contribuíram nesta obra missiológica: Dr. Pr. José Wellington Bezerra da Costa (prefácio), Dr. Wilson Pereira da Costa e o Dr. Osvaldo Pereira da Costa (revisão de texto).

Amém.

Silvestre Pedro da Silva



...E SAMARIA

O COMPROMISSO
DA IGREJA COM
A EVANGELIZAÇÃO
DOS POVOS

A ordem de evangelização dada por Jesus não ficou restrita aos judeus. Ela incluía os samaritanos, pessoas esquecidas na comunidade de Israel. Neste livro, você acompanhará outros "samaritanos" em nosso mundo, pessoas que, mesmo estando distantes, podem ser alcançados pela mensagem de salvação.

O autor

É ministro do evangelho, bacharel em Teologia e Filosofia e autor dos livros *Daniel, versículo por versículo, Apocalipse, versículo por versículo, Os anjos, sua natureza e ofício* e *O crente e a prosperidade*, editados pela CPAD

ISBN 85-263-0296-5